



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LIBRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Lilyan Aparecida Vieira de Souza

Autoconhecimento acessível à comunidade surda:
Tradução comentada de um ensinamento da Monja Coen
explorando a janela de Libras

Florianópolis

2024

Lilyan Aparecida Vieira de Souza

Autoconhecimento acessível à comunidade surda:

Tradução comentada de um ensinamento da Monja Coen
explorando a janela de Libras

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Libras do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite

Florianópolis

2024

Souza, Lilyan Aparecida Vieira de
Autoconhecimento acessível à comunidade surda : Tradução
comentada de um ensinamento da Monja Coen explorando a
janela de Libras / Lilyan Aparecida Vieira de Souza ;
orientador, Tarcísio de Arantes Leite, 2024.
89 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - LIBRAS,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - LIBRAS. 2. Autoconhecimento. 3. Tradução
Comentada. 4. Tradução e Interpretação em Língua de Sinais.
5. Diário de tradução. I. Leite, Tarcísio de Arantes. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras
- LIBRAS. III. Título.

Lilyan Aparecida Vieira de Souza

Autoconhecimento acessível à comunidade surda:

Tradução comentada de um ensinamento da monja Coen explorando a janela de Libras

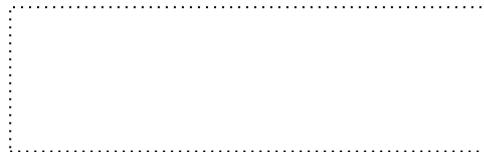
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel(a) em Letras Libras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Libras – Bacharelado.

Florianópolis, 23 de julho de 2024.



Coordenação do Curso

Banca examinadora



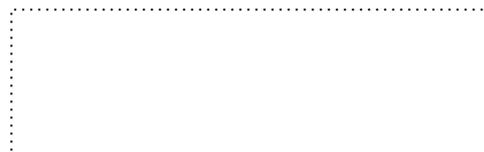
Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite

Orientador



Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Simão

Universidade Alto Vale do Rio do Peixe



Prof.^a Ma. Bruna Estefani Libano Alves

Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 2024

Esse trabalho é dedicado à todas as pessoas surdas que desejam se conhecer e se entender um pouco mais, e querem se transformar em pessoas melhores para si mesmas e conseqüentemente para o mundo.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus, por seu amor e cuidado com a minha vida, e por me permitir entender as respostas e viver esse recomeço.

Aos meus pais, que mesmo sem diploma, nunca mediram esforços e sempre nos incentivaram, destacando a importância de estudar. E por serem além de meus admiradores, minha rede de apoio, assim como meus sogros, para que a minha versão mãe pudesse ir estudar tranquila.

Ao meu marido Caio, pelo incentivo e parceria de sempre, e por ser um pai presente e participativo especialmente na minha ausência, mesmo quando se sentia um pai solteiro devido aos eventos escolares da Joana marcados nos dias de aula presencial. Às minhas filhas Joana e Livia, as maiores responsáveis pela minha transformação e pela minha vontade de aprender a ser não apenas um ser humano melhor, mas um exemplo. Nunca esqueçam que vocês são únicas, irrepetíveis, amadas e respeitadas, que a vida é um eterno aprendizado e que não existe idade para realizarmos nossos sonhos.

Agradeço pela oportunidade de cursar uma graduação na Universidade pública, especialmente na UFSC, pioneira e referência no Curso de Letras Libras. É indescritível a sensação de aprender com professores renomados e experts na nossa área de atuação, que até então só conhecíamos como referências em trabalhos acadêmicos. Em contrapartida, ressalto a minha tristeza pela decadência da estrutura da instituição, que apesar de não condizer com a qualidade do ensino, prejudica as condições de vida e os recursos disponíveis para professores e alunos. Desejo que as minhas filhas possam vivenciar uma realidade acadêmica futura diferente e mais digna.

Aos mestres, por tanto conhecimento compartilhado e por ainda terem tanto a compartilhar. Como disse Cora Coralina “feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. Aos que se tornaram mais do que professores, amigos. Gosto de pensar que quando a graduação termina, o acadêmico está pronto para começá-la novamente. Ao professor Carlos, especialmente pelo profissionalismo na condução da coordenação de estágio e TCC, sua postura e organização foram fundamentais para que conseguíssemos cumprir essas disciplinas.

Ao meu orientador Tarcisio, pela paciência, generosidade e parceria. O seu acolhimento com as minhas especificidades e a sua tranquilidade fizeram toda a diferença para o trabalho que estamos apresentando.

Às professoras que aceitaram ser minha banca na apresentação deste trabalho, e eu não poderia estar mais feliz por serem duas mulheres. Professora Vera, incentivadora dessa graduação e das próximas. Meu carinho e admiração pela profissional que você é, por mostrar através da sua prática que o encantamento dos teus alunos vale mais do que o teu prestigiado currículo. Professora Bruna, por aceitar o nosso convite e poder contribuir com a tua experiência na temática, especialmente pela sua vivência no Projeto Yoga e meditação para todos.

À minha dupla dinâmica, Michelle, pela parceria, organização, carona e por me permitir participar da aventura caótica e maravilhosa que é despertar. Eu sempre disse que não seria a mesma coisa viver essa graduação se não fosse compartilhando contigo. Obrigada por aceitar ser a minha voz na apresentação deste trabalho.

Por fim, à Fernanda Pelence (*in memoriam*), minha amiga, por me ensinar Libras e por tudo que significou na minha vida. Sua partida precoce foi o motivo do meu mergulho no autoconhecimento, mas ela não foi em vão e esse trabalho é uma prova disso. Você deixou seu legado. Juntas até depois do fim.

“A sabedoria do homem lhe dá paciência; sua glória é ignorar as ofensas.”
(Provérbios 19:11)

RESUMO

O presente trabalho trata de uma tradução comentada do português filmado para a Libras filmada, explorando o recurso audiovisual da janela de Libras, tomando como objeto o texto da renomada mestra zen budista, Monja Coen Roshi, intitulado “A importância do autoconhecimento”. Este estudo foi motivado por razões diversas, de ordem pessoal, teórica e metodológica. A motivação pessoal surgiu de experiências desafiadoras que me levaram a mergulhar no 'autoconhecimento' em busca de superação. Do ponto de vista teórico, essa pesquisa foi motivada pelo interesse em aprofundar a compreensão sobre as especificidades que caracterizam processos de tradução e interpretação de línguas de sinais (Carneiro *et al.*, 2020; Leite *et al.*, 2022, 2024). Metodologicamente, buscamos desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa do ponto de vista de sua natureza, descritiva de acordo com seus objetivos, e, considerando os procedimentos técnicos, baseada na tradução comentada (Albres, 2020), o que envolve documentar o processo tradutório e as percepções da tradutora-pesquisadora em um diário de tradução, bem como os desafios encontrados e as estratégias propostas para solucioná-los. Como resultados, a pesquisa ofereceu não apenas a tradução em si, mas também reflexões em torno de categorias de análise emergentes do processo tradutório, sendo elas: a configuração visual da janela de Libras; a prosódia no texto de partida e no texto de chegada; a exploração de recursos visuais complementares ao discurso em Libras; a necessidade de compreender a tradução para além de associações unívocas palavra-sinal; os critérios para busca de itens lexicais desconhecidos; e a identificação de marcas de interpretação na tradução. Estimamos que a comunidade surda possa se beneficiar dessa tradução, encontrando no tema do “autoconhecimento” uma peça fundamental para o seu desenvolvimento pessoal e para a conquista da felicidade, independente das dificuldades que a vida apresentar, assim como se deu em minha própria experiência. Esperamos também que esse trabalho contribua para a área dos estudos da tradução, provocando reflexões a partir das categorias de análise apresentadas, da proposta de estrutura dos diários de tradução e das reflexões gerais acerca da natureza das traduções envolvendo línguas de sinais.

Palavras-chave: Libras; Tradução e interpretação de línguas de sinais; Tradução comentada; Autoconhecimento; Diários de tradução.

ABSTRACT

The present study involves a translation from a Portuguese filmed source-text to Libras filmed target-text, exploring the audiovisual resource of the translation window in Libras, taking as object of translation the text of the renowned Brazilian Buddhist Zen master, Coen Roshi, entitled “The importance of self-knowledge”. This study was motivated by various reasons, including personal, theoretical and methodological ones. Personal motivation came from challenging experiences I had in my life, and which made me seek out the theme of ‘self-knowledge’ in my quest to overcome personal hardships. From a theoretical point of view, this research was motivated by the interest in understanding the specificities that characterize sign language translation and interpretation processes (Carneiro *et al.*, 2020; Leite *et al.*, 2022, 2024). Methodologically, the nature of the research was qualitative, with a descriptive approach regarding its objectives and, finally, concerning the stages and procedures, it was based on “commented translation” studies (Albres, 2020), which involves documenting the translation process in diaries, as well as the challenges encountered by the translator-researcher and the strategies offered to solve them. As results, the research offered not only the translation itself, but also reflections on analytic categories emerged from the translation process, namely: the visual configuration of the Libras window; the prosody in the source-text and target-text; the exploration of visual resources in addition to the Libras translation; the need to understand translation beyond univocal word-sign associations; the criteria for researching and choosing lexical items; and the identification of interpretation marks in the translation. We hope the deaf community may benefit from this translation, finding the theme of “self-knowledge” relevant for their personal development and achievement of happiness, regardless of the difficulties that life presents to us, just as happened in my own experience. We also hope that this work will contribute to the area of translation studies, provoking reflections based on the analytic categories discussed, the criteria for the elaboration of translation diaries and the general reflections on the nature of translations involving sign languages.

Keywords: Libras; Sign language translation and interpretation; Commented translation; Self-knowledge; Translation diary.

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO:

Autoconhecimento acessível à comunidade surda:

Tradução comentada de um ensinamento da Monja Coen explorando a janela de libras

Lilyan Aparecida Vieira de Souza
Orientador: Tarcísio de Arantes Leite

Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras Libras. 2024.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h_KhoPO5iw



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Padrões da norma NBR 15.290 para janela de Libras.....	34
Figura 2 - Opções de configuração visual da janela de Libras avaliadas por Nascimento (2021).....	35
Figura 3 - Cerimônia de ordenação da Monja Coen.....	40
Figura 4 - Produção da primeira versão da tradução	42
Figura 5 - Primeira versão do texto de chegada com janela de Libras como rascunho para discussão.	43
Figura 6 - Revisão da primeira versão da tradução pelo orientador (à esquerda do vídeo) utilizando o programa StreamYard.	44
Figura 7 - Primeira versão da janela de tradução em Libras.	46
Figura 8 - Enquadramentos da Monja Coen na palestra filmada.	47
Figura 9 - Versão revisada da janela de tradução em Libras.	47
Figura 10 - Alguns registros das expressões faciais da Monja Coen na palestra.	50
Figura 11 - Expressividade da tradutora que salienta o traço de estranhamento da fala de Karnal, omitindo o tom por meio do qual Monja Coen o cita	51
Figura 12 - Expressividade que aponta para o traço de amabilidade da fala da Monja Coen pela expressão facial	52
Figura 13 - Inserção de recursos visuais complementares ao discurso em Libras ...	54
Figura 14 - Inserção de legenda para citação direta de frase em português.	55
Figura 15 - Tradução baseada no sentido (Versão 2) e superação das associações habituais entre palavra e sinal (Versão 1).	56
Figura 16 - Tradução baseada no sentido (Versão 2) e a superação da tradução literal (Versão 1).....	58
Figura 17 - Variantes para o sinal correspondente à palavra “bispo” do português. .	59
Figura 18 - Sinais adotados para os termos “autoconhecimento” e “meditação” na Libras.	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO PESSOAL.....	18
1.2	JUSTIFICATIVA SOCIAL.....	21
1.3	OBJETIVOS.....	24
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2.1	OS PROCESSOS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO.....	25
2.2	ESPECIFICIDADES DA TRADUÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS.....	28
2.3	TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E A JANELA DE LIBRAS.....	31
3	METODOLOGIA.....	37
3.1	A TRADUÇÃO COMENTADA.....	37
3.2	SELEÇÃO E CONCEITUAÇÃO DO OBJETO DE TRADUÇÃO.....	39
3.3	ETAPAS E PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS.....	41
3.4	LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	44
4	ANÁLISE.....	45
4.1	CONFIGURAÇÃO VISUAL DA JANELA DE TRADUÇÃO.....	45
4.2	PROSÓDIA NO PORTUGUÊS E NA LIBRAS.....	49
4.3	RECURSOS VISUAIS COMPLEMENTARES.....	53
4.4	SUPERANDO A TRADUÇÃO PALAVRA-SINAL.....	55
4.5	ESCOLHAS LEXICAIS E TERMINOLÓGICAS.....	58
4.6	MARCAS DE INTERPRETAÇÃO NA TRADUÇÃO.....	61
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um estudo de tradução comentada do português (corp)oral filmado para a Libras (corp)oral filmada, explorando o recurso audiovisual da janela de tradução em Libras, tomando como objeto de tradução o texto da renomada mestra zen budista brasileira Coen Roshi, mais conhecida como Monja Coen. O texto é intitulado “A importância do autoconhecimento” e foi produto de uma palestra proferida para o *IV Congresso Internacional de Felicidade*, disponibilizado gratuitamente na plataforma YouTube.¹

Este estudo foi motivado por razões diversas, de ordem pessoal, teórica, metodológica e profissional. A motivação pessoal diz respeito à escolha da temática do *autoconhecimento*, que passou a fazer parte de minha vida após uma sucessão de acontecimentos marcantes que vivenciei em minha história pessoal e que irei descrever através de um relato autobiográfico na seção 1.1, seguido de uma justificativa social mais ampla na seção 1.2, na qual busco destacar a importância da temática do autoconhecimento na sociedade moderna, dada a atual epidemia de doenças psicológicas como a ansiedade e a depressão no século XXI.

Do ponto de vista teórico, a motivação do trabalho é a de avançar na compreensão sobre as especificidades que caracterizam os processos de tradução e interpretação envolvendo línguas de sinais – neste caso em particular a Libras (língua brasileira de sinais). O campo de estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais é relativamente recente, especialmente quando comparado aos estudos de tradução e interpretação de línguas orais, e esperamos com este estudo contribuir para essa nova área de pesquisa e atuação profissional.

As questões que cercam esses temas teóricos serão discutidas na seção 2, de Fundamentação teórica, na qual abordaremos sob uma perspectiva crítica a distinção clássica entre “tradução” (envolvendo a modalidade escrita) e de “interpretação” (envolvendo a modalidade falada) (2.1), as especificidades que caracterizam os trabalhos de tradução envolvendo línguas de sinais (2.2), e a temática da tradução audiovisual, que envolve a modalidade filmada sobreposta à modalidade falada, e mais especificamente as especificidades da janela de Libras (2.3).

¹ O texto pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=dqXthsavYGI&t=10s>.

Do ponto de vista metodológico, abordado na seção 3, a minha motivação neste trabalho é a de desenvolver o processo tradutório na forma de uma pesquisa científica, explorando uma abordagem metodológica que vem sendo discutida sob a rubrica da “tradução comentada”, que será discutida na seção 3.1. De acordo com essa abordagem, o tradutor-pesquisador busca documentar ao longo do processo tradutório as suas percepções, os desafios vivenciados e as motivações das soluções encontradas, identificando categorias de análise por meio de uma abordagem de baixo para cima; isto é, buscando as questões que os próprios dados sugerem como relevantes, ao invés de uma abordagem de cima para baixo em que os dados são utilizados para ilustrar construtos teóricos pré-determinados. Ainda na seção sobre metodologia, apresentaremos os critérios de seleção do texto de partida e as conceituações acerca de sua natureza, comparativamente ao texto de chegada (3.2), bem como as etapas e procedimentos que caracterizam o processo tradutório (3.3).

Por fim, trago como motivação desta pesquisa promover uma reflexão sobre a área de atuação profissional na qual estou me formando no Curso de Bacharelado em Letras-Libras: uma tradutora e intérprete de Libras. Mesmo antes da conclusão de minha formação, tenho atuado profissionalmente como intérprete de Libras, e com esse trabalho amplio a minha área de atuação para me familiarizar com os processos de tradução e suas especificidades, comparativamente à interpretação de línguas de sinais. Essa familiarização, nesta pesquisa, se deu por meio da identificação das categorias de análise apresentadas ao longo da seção 4, e que envolveram a configuração visual da janela de tradução (4.1), o contraste entre a prosódia do português e da Libras (4.2), a exploração de recursos visuais complementares ao discurso em Libras (4.3), a superação da fixação de traduções literais palavra-sinal (4.4), os critérios de pesquisa lexical (4.5) e as marcas de interpretação na tradução (4.6).

Em suma, em se tratando de questões que envolvem processos tradutórios, especialmente aqueles envolvendo um texto de partida na modalidade (corp)oral e filmada e o texto de chegada na modalidade (corp)oral e filmada, configurada na forma de uma janela de Libras, esperamos que as reflexões teóricas e metodológicas apontadas se mostrem relevantes não apenas à minha formação, mas se colocam como contribuições para todo o campo de atuação dos tradutores e intérpretes de Libras. E, além disso, que a comunidade surda possa se beneficiar da tradução de ensinamentos de uma reconhecida professora de meditação, pois partindo de minha

própria experiência, acredito que o autoconhecimento seja uma peça fundamental para o desenvolvimento pessoal e a conquista da felicidade, independente das dificuldades que a vida nos apresenta.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO PESSOAL

Falar sobre autoconhecimento para a comunidade surda tem um significado especial para mim porque me conecta com uma parte muito importante da minha história. Além disso, está diretamente conectado com a minha essência, que é servir e com o meu propósito de vida: inspirar pessoas a se transformarem em sua melhor versão.

Quando passei a fazer parte da comunidade surda eu entendi que o meu papel vai muito além de interpretar e/ou traduzir. Levar informação também é meu dever. A minha história com a comunidade surda começou há muitos anos. Meu primeiro contato mais efetivo com a Libras foi dentro do ônibus, indo para a escola. Todos os dias iam duas crianças sinalizando, e eu ia o trajeto inteiro observando e tentando entender o que elas falavam, até elas descerem. Assim passei o ensino médio inteiro. Se eles esperassem o próximo ônibus, eu esperava também, só para ir observando os dois conversando. Apesar do meu esforço e da minha admiração, eu não conseguia entender.

Quando entrei na faculdade, meus horários mudaram e nunca mais os encontrei. Me formei em educação física 4 anos depois e comecei a trabalhar pelo município num projeto voltado para a educação infantil. Estava profissionalmente feliz. Um dia cheguei para trabalhar e tinha um convite da prefeitura para se inscrever num curso de Libras oferecido aos professores. Imediatamente aquele convite me remeteu ao ônibus e eu prontamente me inscrevi. O curso foi maravilhoso, me identifiquei com a língua e me dediquei para aprender. Eu e a professora do curso acabamos nos tornando amigas, o que estimulou ainda mais a minha prática. Mas a vida ainda me reservava grandes surpresas.

O ano era 2008, e quando finalizamos o curso aconteceu uma catástrofe de proporções inimagináveis em Blumenau, cidade que moro. No ano seguinte, a prefeitura estava em função das famílias atingidas, e cortou todos os projetos que eram (para aquele momento) supérfluos, incluindo o meu.

A professora surda me aconselhou a procurar vaga de intérprete de Libras e eu questioneei pois, apesar de já ter uma certa fluência devido ao contato com ela, eu só tinha o curso básico de Libras como formação. E ela me estimulou dizendo ter crianças surdas em idade escolar que não tinham nem esse conhecimento básico, que eu poderia conseguir um trabalho e fazer a diferença na vida daquela criança.

Eu fui tentar, com a cara e a coragem. Eles me imploraram para ir atender no ensino médio. Eu avisei que meu conhecimento era básico, e ela prometeu que era apenas até conseguir um profissional mais capacitado para ele e então me encaminharia para uma criança. Eu aceitei.² Pois entendi que o objetivo ia além de situar o aluno ao conteúdo, de auxiliá-lo a acompanhar a aula, mas também interagir com o professor e colegas, se sentir de fato incluído e não somente integrado. Além disso, concluí que seria uma boa oportunidade para me desafiar e me obrigar a me desenvolver ainda mais no contato diário com uma pessoa surda diferente da que eu já estava habituada. Me apresentei na secretaria da escola, onde fui muito bem recebida. Era nítido o quanto ficaram felizes e aliviados com a minha presença. A secretária disse que chamaria o aluno em sala para me apresentar, assim poderíamos conversar um pouco e ele mesmo me conduziria para a sala de aula posteriormente. Quando eles retornaram eu não conseguia acreditar no que a vida estava me proporcionando. A cada passo que eles davam na minha direção eu ficava mais emocionada. O aluno surdo, pasme, era o menino do ônibus!

Eu sempre acreditei que nada acontece por acaso, mas essa situação foi realmente marcante. Desde lá eu passei a trabalhar como intérprete de Libras e sigo constantemente buscando conhecimento para melhorar a minha prática. Passei a ter contato direto com a comunidade surda e virei dupla de trabalho da professora/amiga surda. Ao longo dos anos seguí adquirindo vocabulário e experiência com a nossa atuação, chegamos a trabalhar em três instituições diferentes como dupla. Nunca mais nos separamos. Tínhamos uma conexão fora do comum que era facilmente percebida por quem nos via atuando juntas. Tudo era fluído e gostoso. Eu costumava dizer que nós tínhamos uma grande parceria, pois enquanto ela me auxiliava a me

² Hoje, como formanda e profissional da área de tradução e interpretação da Libras, eu reconheço essa problemática de pessoas que aceitam trabalhos de interpretação sem estarem plenamente capacitadas, em uma perspectiva assistencialista, mais do que profissional. Mas esse é um dilema ético que eu vivi e que ainda faz parte da realidade de muitas pessoas ouvintes nessa área, devido à grande defasagem de profissionais habilitados para essas funções.

desenvolver em Libras eu auxiliava ela no seu desenvolvimento com a língua portuguesa como segunda língua.

No primeiro semestre de 2019 estávamos trabalhando diariamente juntas, em uma ou outra instituição. Brincávamos que se a gente não se enjoasse naquele período, não enjoava nunca mais. Estávamos curtindo juntas a minha segunda gestação e ela estava superanimada por acompanhar o crescimento da barriga diariamente, sentir o bebê mexer, ficava torcendo para ser menina e comemorou muito quando descobriu que era, estava rezando junto comigo por um parto normal e queria que eu contasse cada detalhe para ela depois. Mas não teve depois.

Um tumor cerebral apareceu de repente e rapidamente a levou, mudando a minha vida para sempre. A dor da perda era imensurável. Eu perdi uma grande amiga irmã que a vida me deu, e com ela a minha dupla de trabalho. Eu não fazia ideia de como suportaria tamanha dor e de como seria a minha vida profissional quando acabasse a minha licença maternidade, eu voltasse ao trabalho e me visse sem ela.

Eu vivi naquele período um misto de emoções muito profundas. De um lado o dom da vida, um bebê, um amor e do outro a morte, a tristeza e a dor. Para conseguir reunir forças e lidar com o que estava vivendo, me voltei para a espiritualidade.

A pandemia da Covid-19 estava começando nesse período e começaram a falar mais sobre saúde mental na internet para ajudar as pessoas a lidar com o momento, especialmente com o luto pois a pandemia dizimou centenas de milhares de vidas. Então, comecei a consumir esses conteúdos que faziam tanto sentido para mim, não necessariamente pela pandemia, mas para o que eu estava vivendo. Em meio a esse processo, pedia que Deus me conduzisse para um novo caminho na comunidade surda, que eu fizesse algo que nunca tinha feito e que não tivesse relação com minha amiga, para que eu conseguisse fazer uma nova história. E, a meu ver, recebi duas provas de que as coisas acontecem exatamente como tem que acontecer e de que eu estava exatamente onde deveria estar: passei em um vestibular superconcorrido para Letras Libras, que não abria turma há muitos anos, e passei em um processo seletivo para trabalhar na empresa que estava no meu cartaz de metas, para atuar em um canal de atendimento em Libras, um feito inédito na nossa região.

Essa foi a situação que desencadeou a minha busca por ajuda, mas obviamente não vivi só ela de situação desafiadora na vida. Eu sempre fui uma pessoa com uma certa facilidade de comunicação, costumava ser a líder dos grupos de trabalho escolares, tomar a frente em situações, opinar, discordar. Contudo, as

circunstâncias da vida me tornaram uma pessoa sempre pronta para lutar, reativa, que não levava desaforo para casa, daquela que “dava um boi para não entrar numa briga, mas dava uma boiada inteira para não sair”, cheia de certezas.

Eu agia como se tudo o que não concordasse comigo fosse uma ofensa, um ataque, e que eu precisava me armar e me defender. Após o mergulho no autoconhecimento, essa foi uma das primeiras coisas que percebi e que valia o meu esforço de reaprender a me relacionar. Entendi que eu tenho direito de ter a minha opinião, e o outro a ter a dele, e que diferir de mim não significa me atacar, eu não preciso me defender. Entendi o que é meu e o que é do outro e que existe sim a possibilidade de separar e de não permitir que o que é do outro me atinja. Entendi que eu não preciso responder de pronto a primeira coisa que me vem na cabeça e que nem preciso responder, se não quiser.

Parecem coisas pequenas e insignificantes, mas fui percebendo diariamente o tamanho do impacto que isso traz em nossas relações e conseqüentemente em nossa vida. E aqui é interessante destacar que as pessoas vão perceber a sua mudança de comportamento antes de você. Elas começam a perguntar “o que está acontecendo?”, “porque você está diferente?”, “que remédio você anda tomando hein?”, “tem momentos que nem dá pra te reconhecer”. Claro que ninguém é exatamente o mesmo o tempo todo, nosso desenvolvimento enquanto ser, nossas relações com os pares, nosso amadurecimento na perspectiva da vida, tudo vai mudando com o tempo, afinal até as nossas células se renovam. Mas, nesse caso, você só acredita de fato que mudou, quando você mesmo se percebe agindo de uma forma em uma determinada situação que tempos atrás agiria completamente diferente. Aí então você para imediatamente para se autoparabenizar pela sua mudança, pela sua conquista pessoal.

1.2 JUSTIFICATIVA SOCIAL

Estamos vivendo uma fase da vida que falar sobre saúde mental é mais do que necessário, é essencial. Mas assim como toda grande mudança de hábito cultural, a resistência à mudança é grande e para muitos, esse assunto não tem importância não passa de uma grande bobagem. Porém, há alguns anos atrás falar sobre saúde bucal e explicar que a recomendação era não compartilhar a escova de dentes, que havia a necessidade de cada membro da família ter a sua própria escova também era

motivo de discussão e até revolta pois não consideravam algo importante, ao passo que hoje é comum e seria nojento pensar em usar a escova de outra pessoa para fazer a higiene dos nossos dentes.

O mundo moderno que tanto desejamos trouxe consigo a busca frenética por uma posição social, o desejo de ascensão profissional e conseqüentemente mais dinheiro, a necessidade (ou a pressão) pela formação, o padrão corporal desumano, a tecnologia e o uso irresponsável dela, as redes sociais e a disputa por likes, as vidas perfeitas “instagramáveis” e a comparação com a nossa vida. Além disso, a quantidade de informação que temos acesso o tempo todo, o pensamento acelerado, o uso desenfreado de medicação. Não precisamos pensar muito para concluir que tudo isso causa estresse, adoce a nossa mente diariamente, prejudica nossa saúde, adoce nosso corpo físico e emocional.

Aliado a isso, como mencionei antes, vivemos uma pandemia recentemente, que imediatamente colocou essas pessoas já mentalmente abaladas para lidar com isolamento social, medo de se infectar e como o corpo reagiria, angústia pelo familiar internado e a restrição na comunicação naqueles que poderiam ser os últimos momentos de vida daquela pessoa, instabilidade financeira, falta de apoio psicológico nos hospitais para as famílias dos enfermos devido a restrição de circulação e contato, mortes em grande número e, muitas vezes, de mais pessoas da mesma família e a falta de despedida e/ou adaptação dos rituais funerários para os infectados, e de apoio espiritual também por conta das medidas de restrição, o que conseqüentemente contribuiu para o diagnóstico ou a piora do quadro clínico que acabou levando à ele.

Estudos têm revelado que tanto a pandemia propriamente dita quanto as medidas adotadas para contê-la parecem impactar a saúde mental, aumentando o risco para surgimento de sintomas de estresse, ansiedade e depressão, o que vem sendo identificado na população geral e em profissionais da saúde (Crepaldi *et al.*, 2020). Nesse sentido, a covid-19 pode ser considerada uma crise sob o ponto de vista epidemiológico e, também, psicológico, dadas as alterações cognitivas, emocionais e comportamentais que tendem a ser experienciadas nesse período.

De acordo com um resumo científico divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no primeiro ano da pandemia de covid-19,³ a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25%. Segundo o diretor geral da OMS “As

³ Os dados estão resumidos no link a seguir, onde o estudo completo também pode ser acessado: https://www.who.int/publications/i/item/WHO-2019-nCoV-Sci_Brief-Mental_health-2022.1.

informações que temos agora sobre o impacto da covid-19 na saúde mental do mundo são apenas a ponta do iceberg. [...] Este é um alerta para que todos os países prestem mais atenção à saúde mental e façam um trabalho melhor no apoio à saúde mental de suas populações”.⁴ O mesmo artigo cita o impacto na saúde mental dos jovens pelos inúmeros comportamentos suicidas e situações envolvendo automutilação. Ainda precisamos refletir sobre as mulheres, um grupo comumente sobrecarregado pelas suas inúmeras atribuições, que de uma hora para a outra, sem planejamento e organização, precisou se adaptar ao trabalho home office enquanto acompanhava a rotina escolar das crianças, além de preparar as refeições.

Toda essa situação exigiu muito de nós em um curto intervalo de tempo, e sem dúvida foi preciso muito gerenciamento do estresse para não virar estatística. As pessoas que conseguiram administrar suas questões emocionais e gerenciar todo esse estresse muito provavelmente usaram diferentes recursos para conseguir tal feito, considerando as diversas possibilidades e as experiências individuais que cada um carrega junto com o peso que cada um dá para elas. Quando falamos em saúde mental e pensamos em autoconhecimento, vimos que uma das formas de entendermos e colocarmos em prática novos hábitos, está relacionado a nos conhecermos efetivamente, entendermos a nossa relação com nós mesmos e com os nossos relacionamentos, e em como costumamos gerenciar o estresse em determinadas situações.

Eu nunca tive dúvida de que estamos nessa vida a serviço e sempre acreditei na capacidade de transformação das pessoas. Mas depois de me ver naquela busca frenética por conteúdo de saúde mental e autoconhecimento para me ajudar a superar um momento difícil, refleti que uma pessoa surda não teria acesso a tanto material como eu tive. Por esse motivo, e por entender nesse processo o quanto é urgente falarmos sobre saúde mental e autoconhecimento, o quanto a gestão do estresse e a autorregulação são importantes e muitas vezes determinantes para o nosso desenvolvimento enquanto ser humano, e o quanto a ausência desse conhecimento e dessas habilidades impactam nas nossas relações e na vida, esse tema foi escolhido. Para apresentar o trabalho de conclusão do curso que deu início a um novo capítulo na minha história com a comunidade surda, tendo o privilégio de levar conteúdo sobre autoconhecimento para que as pessoas surdas possam também ter

⁴ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.

a oportunidade de refletir sobre as suas vidas e suas experiências, se conhecer mais, entender e acolher seus sentimentos, superar as suas dores, se reposicionar no enfrentamento apesar da sua história de vida e transformar as suas vidas como eu transformei a minha. Para isso, optei por desenvolver essa tradução selecionando um texto voltado à temática do autoconhecimento, sob uma perspectiva de pesquisa em tradução, problematizando a abordagem metodológica da tradução comentada.

1.3 OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso é o de realizar uma experiência de tradução comentada de um vídeo sobre autoconhecimento do português para a Libras.

Entre os objetivos específicos, estão:

- a) produzir no mínimo duas versões da tradução, de modo a experienciar a dimensão processual da tradução comentada;
- b) documentar os desafios tradutórios e as respectivas soluções encontradas;
- c) identificar e discutir categorias de análise emergentes no processo tradutório;
- d) produzir uma última versão da tradução no formato de janela de Libras.

De modo a responder a esses objetivos, iniciaremos na seção a seguir trazendo os fundamentos teóricos da pesquisa; em seguida, passaremos às considerações metodológicas que descreverão como o trabalho foi desenvolvido; adiante, apresentaremos as categorias de análise emergentes no processo e sua contribuição para a adoção de soluções tradutórias; e ao final encerraremos com as considerações finais argumentando sobre a relevância deste trabalho, suas limitações e perspectivas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 OS PROCESSOS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Termos do português tais como “tradução” e “interpretação” são ambíguos, possuindo significados que são importantes de serem distinguidos especialmente no campo de atuação dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais. “Tradução” é um termo que, em seu sentido geral, inclui quaisquer contextos em que há uma transposição de um texto de uma língua de partida para uma língua de chegada. Nesse sentido amplo, podemos falar de uma tradução escrita, por exemplo, tal como nas várias traduções da Bíblia ao longo da história, e podemos falar de uma tradução simultânea, de base oral, tal como em uma palestra em que o público desconhece a língua do palestrante e tem acesso ao seu conteúdo ouvindo a tradução por meio de um fone de ouvido, enquanto o tradutor permanece oculto em uma cabine fechada.

De acordo com o senso comum, o termo interpretação também possui um sentido amplo e um sentido específico. Em um sentido amplo, “interpretação” é um ato de compreensão ativa que fazemos diante de qualquer situação comunicativa. Podemos “interpretar” um texto escrito ao lermos, o que significa compreender as suas ideias centrais, as relações de coesão e coerência, seus objetivos, entre outros aspectos. E podemos também “interpretar” a fala de um amigo em uma conversa, em um contexto de interação face-a-face. Às vezes dizemos que alguém nos “interpretou” mal porque “não era bem aquilo que queríamos dizer”. Nesses casos, podemos dizer que o conceito de interpretação tem relação com o conceito de “tradução intra-lingual” (Jakobson, 1975), pois “interpretar” significa parafrasear algo que foi dito em uma mesma língua, porém utilizando outros recursos expressivos.

Esses dois casos dizem respeito aos conceitos de tradução e interpretação em seu sentido amplo. “Interpretação”, nesse sentido, é algo mais amplo do que a tradução, pois em qualquer ato tradutório (seja de um discurso escrito ou de um discurso oral), a “interpretação” também está presente, já que é necessário fazer sentido de um texto antes de transpô-lo para outra língua. No entanto, há um outro uso das palavras “tradução” e “interpretação” em que essa relação de mais amplo e mais específico se invertem, como é se dá no campo da tradução e interpretação de línguas de sinais.

Em nossa área, “tradução” e “interpretação” são abordados um em oposição ao outro (Carneiro *et al.*, 2020). “Tradução” diz respeito à transposição de um discurso de uma língua de partida para uma língua de chegada na modalidade escrita. “Interpretação”, por outro lado, diz respeito à transposição de um discurso de uma língua para a outra na modalidade oral. As diferenças nos processos de tradução e interpretação, nesse sentido específico dos termos, está portanto relacionada às diferenças entre as modalidades escritas e orais (Kato, 1986): na tradução, ligada à escrita, o texto de partida está documentado por meio de um registro, o que possibilita fixá-lo; o tradutor tem tempo de planejamento de sua tradução, pois ele pode ler e reler quantas vezes necessitar, pode editar as versões de tradução com bastante flexibilidade, até chegar ao produto final; e o tradutor está distante em tempo e espaço, tanto do autor do texto de partida quanto do leitor que terá acesso ao texto de chegada.

Já nos atos interpretativos, relacionados à modalidade oral, a dinâmica se dá de maneira bastante distinta. O texto de partida não possui um registro e portanto é um discurso evanescente, que se perde na mesma medida em que é enunciado; o intérprete não tem tempo de planejamento e precisa tomar as decisões tradutórias em tempo real, na medida em que o discurso se desenrola, de modo geral permanecendo sempre alguns segundos “atrás” do falante que produz o texto de partida; e, por fim, o intérprete, o autor do texto de partida, e o público-alvo do texto de chegada, todos compartilham o mesmo tempo e o mesmo espaço.

Essa é a distinção mais tradicional entre “tradução” e “interpretação” em seus sentidos específicos. Quando olhamos o histórico de desenvolvimento do campo da educação de surdos, observando as práticas do cotidiano profissional, percebe-se claramente que uma ênfase muito maior foi dada ao contexto de interpretação do que ao contexto de tradução – nesse sentido restrito dos termos. Podemos identificar tanto fatores sociais quanto fatores tecnológicos para que isso tenha ocorrido dessa maneira, e em grande medida continue ocorrendo.

O aspecto tecnológico é o mais evidente. Tradicionalmente não poderíamos falar de “tradução” de línguas de sinais em um sentido estrito do termo, porque não havia sistemas de escrita de sinais que pudessem ser utilizados, assim como temos sistemas de escrita para as diferentes línguas orais. Atualmente, isso já começou a mudar, pois já possuímos sistemas de escrita de sinais tais como o SignWriting (Stumpf, 2005) e a ELiS (Estelita, 2008), que possibilitam que as primeiras traduções

escritas entre línguas orais e línguas de sinais possam se desenvolver, mas esses sistemas ainda estão em processo de consolidação e não são empregados em larga escala na tradução de textos escritos do português para a Libras.

Além disso, há fatores sociais que também contribuíram para que a dimensão da interpretação tenha sido historicamente preponderante no campo das línguas de sinais. Os primeiros tradutores de línguas de sinais surgiram em um período em que ainda não havia cursos de formação profissionalizante. Além dos chamados CODAs (a sigla para “Children of Deaf Adults”), isto é, filhos ouvintes de pais surdos que atuavam informalmente em contextos familiares (Quadros, 2017), era nos contextos religiosos em que se encontravam mais intérpretes atuantes, pois foram as igrejas, especialmente as evangélicas, que mais se dedicaram a introduzir intérpretes em suas atividades, dada sua atividade missionária de disseminação da Bíblia entre diferentes povos e comunidades, como é o caso da comunidade surda (Assis Silva, 2012).

Além desses contextos religiosos, um segundo contexto social mais impactante na vida dos surdos é o contexto educacional, que é possivelmente a maior demanda que as pessoas surdas possuem em relação ao campo de atuação dos tradutores e intérpretes de língua de sinais/português (TILSP). Especialmente com a hegemonia de políticas de ensino inclusivas em detrimento da criação de escolas de surdos, a demanda por intérpretes no âmbito educacional em um país de dimensões continentais como o Brasil é muito grande. Alia-se a isso o fato de que a quase totalidade das pessoas surdas nascem em famílias de pessoas ouvintes, fazendo com que a comunidade surda seja geograficamente fragmentada por todo o país (McCleary, 2000). Desse modo, o contexto educacional sempre se colocou com a principal demanda por TILSP, não apenas no passado, mas ainda atualmente, especialmente com a promulgação das leis de 2002 e do decreto de 2005, que ampliou significativamente o acesso de surdos ao ensino superior e a diversos outros âmbitos sociais.

O primeiro curso profissionalizante de formação de intérpretes só surgiu em 2006, com a criação do Curso de Letras-Libras na modalidade à distância pela Universidade Federal de Santa Catarina, em grande medida também como consequência das legislações de 2002 e 2005. A partir desse momento, muitos outros cursos de Letras-Libras, ou similares voltados à formação de TILSP, começaram a se espalhar pelo país, e hoje contamos com cursos em universidades de todo o país. Naturalmente, devido ao contexto histórico em que emergiram, em que a educação

de surdos se coloca com um dos aspectos mais prioritários da profissão do TILSP, uma observação dos perfis de formação nos currículos desses cursos revela essa ênfase nas atividades interpretativas, enquanto as atividades tradutórias estão apenas começando a se estabelecer, a despeito de sua grande relevância social. Apesar disso, com o desenvolvimento do campo de tradução e interpretação de línguas de sinais, bem como o desenvolvimento tecnológico e as mudanças sociais na última década, as questões de “tradução” de línguas de sinais tem ganhado crescente importância.

2.2 ESPECIFICIDADES DA TRADUÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

Em seus sentidos restritos, vimos às diferenças conhecidas de tradução e interpretação entre a modalidade escrita e oral, respectivamente. Contudo, a natureza das línguas de sinais, que se expressam predominantemente por meio do canal manual e são percebidas por meio da visão, comparativamente às línguas orais que são expressas predominantemente por meio do canal vocal e percebidas por meio da audição, tem introduzido modificações nos conceitos tanto de interpretação quanto de tradução tradicionalmente abordados nos estudos de línguas orais.

No campo da atividade de interpretação, por exemplo, uma das diferenças mais marcantes quando comparamos a interpretação de línguas orais e línguas de sinais é a visibilidade do corpo do tradutor (Ferreira; Neto, 2020; Leite *et al.*, 2022, 2024). Para ilustrar o conceito de tradução simultânea, que na verdade é um ato interpretativo, mencionamos na seção anterior o contexto de uma palestra, em que o intérprete atua em uma cabine fechada e o público-alvo acessa a sua interpretação exclusivamente por meio de sua voz. Os intérpretes de línguas de sinais, nesse mesmo contexto, sofrem o impacto da total exposição de seu corpo diante do público-alvo. Diferentemente do intérprete da cabine oculto, o intérprete de línguas de sinais se posiciona no palco e pode ser observado por qualquer membro do público.

Contudo, tendo em vista o enfoque deste trabalho sobre o processo tradutório, vamos trazer nossa atenção principalmente sobre as diferenças introduzidas pela língua de sinais no processo tradutório, ao invés do interpretativo. Neste caso, as diferenças são ainda mais marcantes, pois ao passo que a interpretação de línguas de sinais também envolve a modalidade oral — no sentido de (corp)oral (McCleary, 2003), isto é, de comunicação face-a-face, onde o discurso é evanescente, sem

registro, em que as decisões tradutórias são feitas em tempo real, e em que se compartilham o mesmo tempo e espaço — no caso da tradução a introdução da modalidade de comunicação mediada por vídeo instaura muitas mudanças no processo tradutório.

As primeiras atividades chamadas de “tradutórias” no sentido estrito do termo no campo das línguas de sinais se deram principalmente com o surgimento do Curso de Letras-Libras EaD em 2006 (Quadros, 2014). O curso tinha como principal público-alvo pessoas surdas que iriam se formar como professores de Libras como segunda língua para pessoas ouvintes. Os materiais didáticos de ensino, contudo, eram produzidos por professores todos em textos escritos. Como uma política linguística do curso, esses textos foram então traduzidos para vídeos em Libras por um trabalho colaborativo envolvendo uma equipe de tradutores surdos e ouvintes (Oliveira; Silva, 2014).

A dinâmica de transposição de textos escritos (em português) para textos em vídeo (em Libras) tem sido considerada “tradução” no sentido estrito do termo, isto é, em contraposição à interpretação, pelo fato de envolver dinâmicas típicas da comunicação escrita: o texto de partida está fixado por meio de um registro tecnológico, ele pode ser lido quantas vezes for necessário pelo tradutor, que tem tempo para planejamento, preparação e edição de suas decisões tradutórias; o tradutor está separado em tempo e espaço tanto do autor do texto de partida quanto do público-alvo do texto de chegada; e o texto de chegada final também é fixado por meio de um registro, o vídeo. Desse modo, a tradução envolvendo a modalidade escrita no texto de partida e a modalidade em vídeo no texto de chegada tem sido tratada no campo das línguas de sinais como uma atividade de “tradução”.

A possibilidade de traduções dessa natureza tem sido intensificada nos anos recentes, com o aprimoramento das tecnologias de comunicação e informação, as chamadas TICs (Guimarães, 2007). Há poucas décadas, equipamentos de filmagem e de reprodução de vídeo eram pouco acessíveis, tanto pela dificuldade de manuseio – por exemplo, câmeras e tripés muito grandes e pesados – quanto por dificuldades de operação. Contudo, na última década, assistimos a uma explosão tecnológica que tornou os dispositivos de gravação e reprodução de vídeos acessíveis a praticamente qualquer pessoa, incluindo das classes sociais mais simples, especialmente com o surgimento dos celulares mais modernos, ou smartphones. Em relação à suportes

caseiros, temos hoje computadores pessoais (PCs) e notebooks equipados com webcams e programas de edição e reprodução de vídeos.

Outro fator tecnológico de grande impacto na facilitação de traduções entre línguas orais escritas e línguas de sinais em vídeo foi a criação da internet. Ao possibilitar que a comunicação mediada por vídeos pudesse ser utilizada em interações que transcendem o mesmo tempo e espaço geográficos, uma possibilidade antes restrita à escrita, a internet levou a comunicação mediada por vídeos a um novo patamar. Aliada à emergência de redes sociais que integram textos multimodais (isto é, envolvendo escrita, imagem, som, vídeo), os textos em vídeo se tornaram parte do cotidiano da vida social atual, potencializando o campo de tradução de línguas de sinais como nunca antes visto.

No entanto, assim como a interpretação envolvendo uma língua de sinais introduziu modificações nas dinâmicas interpretativas quando comparada a interpretações em línguas orais (por exemplo, a visibilidade do corpo do intérprete), os processos de tradução envolvendo línguas de sinais também introduzem similares. A despeito das semelhanças entre a tradução de línguas de sinais e de línguas orais acima descritas, relacionadas ao fato de o texto de partida ser na modalidade escrita, o fato de o texto de chegada ser filmado também coloca o corpo do tradutor de modo visível ao público-alvo, o que leva Quadros e Souza (2008) a argumentar que o tradutor de línguas de sinais é, na verdade, um “tradutor-ator”.

Como argumentam Leite *et al.* (2022; 2024), essa questão pode parecer não tão impactante no caso, por exemplo, de textos acadêmicos e materiais pedagógicos em que a dimensão prosódica emocional não desempenha um papel preponderante. Contudo, em outros gêneros textuais nos quais a emotividade do autor do texto é importante – como é o caso dos textos filosóficos budistas traduzidos por esses autores – a discrepância entre o texto de partida escrito e o texto de chegada em vídeo é marcante. Isso porque, no texto escrito, a corporalidade por meio da qual a emotividade se expressa está completamente apagada, e cabe ao tradutor-ator introduzi-la e recriá-la em sua prosódia e expressividade visual.

Além disso, se considerarmos que a essência da distinção entre “tradução” e “interpretação” está no fato de que, na tradução, dispomos de tempo para planejar e tomar as decisões tradutórias antes de o público-alvo ter acesso ao texto de chegada, cabe reconhecer que na atualidade há outras formas de tradução de línguas de sinais que não envolvem a escrita como texto de partida, mas que também introduzem essa

mesma possibilidade: por exemplo, quando o texto de partida está na mesma modalidade filmada que o texto de chegada em Libras. Possivelmente o exemplo mais familiar é o de traduções de propagandas eleitorais televisivas, nos quais o texto de chegada aparece na forma de uma janela de tradução em Libras – tema que será discutido em maior profundidade na seção a seguir.

Carneiro *et al.* (2020) enfatizam em seu trabalho as diferenças entre “tradução” e “interpretação” com uma preocupação legítima no campo das línguas de sinais. Muitas vezes, assume-se que a tradução de textos em português para textos em Libras filmados possa ser reduzida à interpretação. Por exemplo, ao se receber um edital que deva ser traduzido para a Libras, o intérprete grava a sua própria voz lendo o edital — ou o edital é lido por um segundo colaborador — enquanto o intérprete faz a transposição para a Libras em vídeo simultaneamente. Nesse aspecto, a atuação do profissional na verdade não consiste em uma tradução, no sentido estrito do termo, mas sim de interpretação. Não há planejamento e não há tempo para escolha das melhores decisões tradutórias. Em certa medida, esse *modus operandi* muito frequente em nossa área representa uma espécie de sucateamento das atividades tradutórias, quase sempre por pressão do mercado de trabalho que exige traduções complexas “do dia para a noite”.

Nesta pesquisa, pretendemos explorar essa reflexão crítica de Carneiro *et al.* (2020), porém sem perder de perspectiva questões mais amplas das mudanças das dinâmicas de tradução que são introduzidas pelo fato de as traduções em Libras envolverem o suporte do vídeo. O fato é que cada nova modalidade de comunicação introduzida no processo tradutório — seja a diferença entre a fala em línguas orais e em línguas de sinais, seja a diferença entre a escrita e o vídeo — introduzem diferentes dinâmicas no processo tradutório que precisam ser consideradas e ser tomadas como objeto de reflexão. No caso da presente pesquisa, por exemplo, ainda que estejamos tratando de “tradução”, pretendemos explorar questões mais amplas instauradas pelo fato de tanto o texto de partida quanto o texto de chegada serem produzidos em vídeo.

2.3 TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E A JANELA DE LIBRAS

Pensando na urgência de fomentar essa discussão e principalmente prezando pelo compromisso de entregar profissionais tradutores intérpretes mais atualizados e

preparados para o mercado de trabalho e as necessidades de demandas nas diferentes esferas que temos hoje, o professor Wharley Martins dos Santos abordou a tradução audiovisual e as janelas de Libras em uma das disciplinas lecionadas no Curso de Letras-Libras EaD da UFSC. A presente seção sumariza as principais questões apontadas pelo professor em sua disciplina, incluindo as citações das obras por ele apresentadas (Dos Santos, 2024).

Uma das discussões propostas foi a necessidade de olharmos para a tradução audiovisual com um pouco mais de atenção, trazendo reflexões importantes pensando na prática profissional e na realidade de hoje que nossa sociedade vive. Uma dessas questões é o olhar da acessibilidade. “Nos últimos tempos discussões e soluções para tornar todas as esferas da sociedade acessíveis a pessoas com deficiências em geral vêm crescendo acentuadamente” (Cabaz; Belam, 2016, p. 91), mas principalmente quem trabalha em algum dos contextos envolvidos nessa área, precisa ter um olhar mais apurado e estar mais envolvido com o que vem sendo discutido neste campo.

Se pensarmos que a acessibilidade é um Direito Humano e que “[...] significa conseguir a equiparação de oportunidades em todas as esferas da vida” (Gil, 2006) também precisamos considerar que, como cita Díaz-Cintas (2005, p. 4, apud Franco; Araújo, 2011, p. 4) “se o desafio é uma barreira linguística ou sensorial, o objetivo do processo tradutório é [...] facilitar o acesso a uma fonte de informação e entretenimento anteriormente hermética”.

Temos ainda a portaria nº 310 do Ministério das Comunicações (Brasil, 2006), que abarca sobre o fato de que a acessibilidade é a condição para utilização, com segurança e autonomia, dos serviços, dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência auditiva, visual ou intelectual.

Dessa forma, dando sequência à discussão de Díaz-Cintas (2005; 2007) que coloca em interface a tradução audiovisual (TAV) e a acessibilidade, surge uma nova subárea, a TAVa. Essa nova subárea surge como uma ramificação da TAV que engloba as modalidades de tradução que oferecem acessibilidade ao texto alvo multimodal às pessoas que possuem alguma perda neurossensorial em qualquer grau. Entre as modalidades de TAVa encontramos a legenda para Surdos e Ensurdidos (LSE) onde além da tradução das falas para texto escrito, também apresenta a identificação de personagens e de efeitos sonoros sempre que necessário. Além dela temos a audiodescrição que oferece uma locução adicional

roteirizada descrevendo detalhes visuais tornando a produção acessível para as pessoas com deficiência visual. Ainda como modalidade, temos a janela de língua de sinais, que é o espaço onde a tradução (ou interpretação) de uma língua de sinais, no caso, aqui no Brasil, a Libras, é apresentada a partir de uma língua oral. Normalmente, a exibição é produzida num quadro no canto inferior esquerdo do vídeo.

Essa vem a ser objeto de estudo na pesquisa de Nascimento (2021), que apresenta conceituações e reflexões acerca da natureza da chamada “janela de Libras”, aprofundando a compreensão sobre o tema.

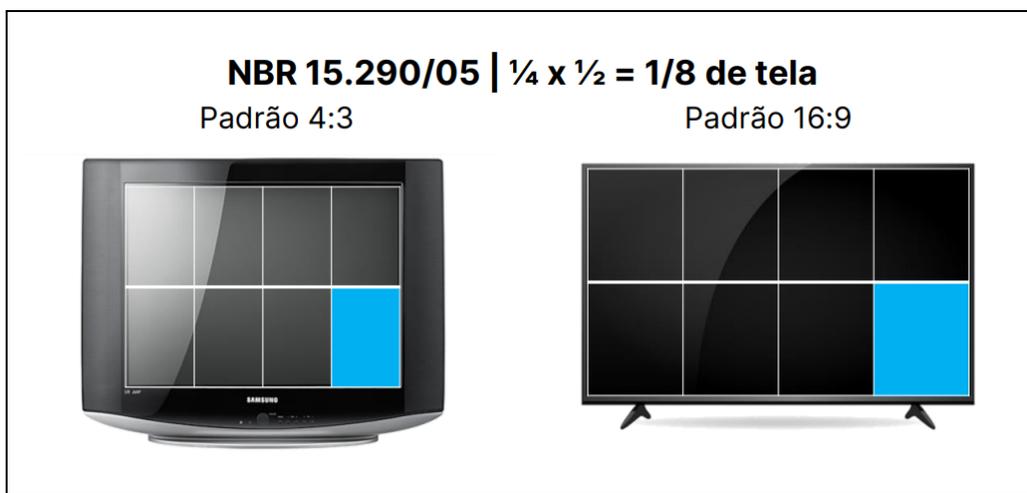
A expressão “janela de Libras” tem sido usada indiscriminadamente na legislação e em alguns estudos como sinônimo de tradução e interpretação sem as devidas especificações [...] Nascimento e Nogueira (2019), por exemplo, propõem a expressão Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS) a fim de englobar o locus de exibição e a prática tradutória *per se*. [...] a fim de ampliar a discussão de Nascimento e Nogueira, acrescenta-se interpretação à proposta e assume-se a expressão tradução e interpretação audiovisual da língua de sinais (TIALS) como grande categoria conceitual que engloba práticas e processos tradutórios e interpretativos intermodais e janelas de Libras, tal como na legislação brasileira, para indicar o espaço de apresentação/exibição do texto em língua de sinais em materiais audiovisuais. (Nascimento, 2021, p. 166-67).

Em relação a estrutura da janela de Libras e a sua veiculação, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), baseada em algumas legislações como a Constituição Federal, o Código de Defesa do Consumidor, a Lei da Acessibilidade, entre outras, implementou em 2005 o primeiro documento direcionador de normas sobre a janela de Libras, conhecido como NBR 15.290. Essa norma tem como objetivo “estabelece[r] diretrizes gerais a serem observadas para acessibilidade em comunicação na televisão, consideradas as diversas condições de percepção e cognição, com ou sem a ajuda de sistema assistivo ou outro que complemente necessidades individuais” (ABNT, 2005, p. 9-10). Essa norma aborda em sua seção de definições e abreviaturas a expressão “janela de Libras” e define como o “espaço delimitado no vídeo onde as informações veiculadas na língua portuguesa são interpretadas através de Libras” (ABNT, 2005, p. 3).

Em relação ao tamanho, a NBR 15.290/05 orientou que a Janela de Libras deveria ser de 1/8 da tela sendo 1/2 na largura e 1/4 na altura, porém na época o tamanho foi orientado baseado na televisão de padrão 4:3, televisão de tubo, quadrada. Quando surgiram os modelos de televisão no padrão 16:9 widescreen, isto é, mais retangular, essa medida voltou a ser discutida, pois ao aplicar a mesma norma

foi observado que o intérprete ficava muito grande em tela, o que acarretava prejuízo nos materiais audiovisuais perdia-se aquele mesmo tanto de fundo, e o enquadramento no momento da gravação não considerava essa edição adicional. Considerando essa modificação, a NBR 15.290 foi revista no ano de 2016 com o objetivo de seguir os novos padrões de produtos audiovisuais tendo em vista a mudança do formato da tela, contudo, essa orientação sobre o tamanho da janela foi retirada (Figura 1).

Figura 1 - Padrões da norma NBR 15.290 para janela de Libras.



Fonte: Dos Santos (2024, p. 25)

Essa norma estabelece que fica a critério da produção audiovisual a forma como a janela de Libras será veiculada, se sobreposta ao vídeo original num tamanho definido pela produção, ou se de forma secundária, onde o usuário tem controle sobre a janela, podendo ativar e definir na tela o posicionamento e o tamanho que desejar, fato esse que ainda não se viu ocorrer. Cabe esclarecer que a norma técnica não é lei, mas uma orientação e direcionamento para as produções que precisam de fomento público. Já para produções privadas, na realidade de hoje, o tamanho de janela disponibilizado parte do bom senso das produtoras e do nível de argumentação do tradutor intérprete contratado com a produtora.

Pensando nessa variação encontrada em diferentes propostas audiovisuais, Nascimento (2021) procura entender qual seria a proposta de janela de Libras mais confortável para a visualização da tradução e interpretação de línguas de sinais na perspectiva da pessoa surda. Em seu trabalho, foram apresentadas cinco propostas

de janela de Libras para três gêneros audiovisuais: cinematográfico-comédia, jornalístico-televisivo e videoaula (Figura 2).

Figura 2 - Opções de configuração visual da janela de Libras avaliadas por Nascimento (2021).



Fonte: Nascimento (2021, p. 14).

Os entrevistados precisavam assistir um tempo determinado de vídeo e depois avaliar com notas de 1 (ruim) a 5 (excelente). Apesar de concluir que existe uma variação de preferências em relação as janelas propostas na pesquisa além da exibição em diferentes gêneros do discurso, a janela que se destacou foi a proposta pelo modelo de mercado onde a janela apresenta o mesmo tamanho e altura do texto de partida. Entende-se que essa preferência esteja associada à visibilidade que a língua de sinais ganha nesse tipo de janela, afinal de contas, a tradução sai de um mero quadradinho no canto inferior esquerdo para meia tela, ficando equivalente a proporção do objeto.

Levando em consideração o resultado da pesquisa de Nascimento (2021), e uma das categorias de análise apresentada adiante, optamos por apresentar a última versão da tradução do presente trabalho seguindo essa proposta preferida pelo público surdo, isto é, preservando o tradutor da janela de Libras com o mesmo tamanho e altura do texto de partida.

3 METODOLOGIA

3.1 A TRADUÇÃO COMENTADA

A “tradução comentada” é, ao nosso ver, um gênero acadêmico em processo de construção. Historicamente, esse gênero tem sido elaborado a partir de trabalhos autodenominados como “tradução anotada”, “tradução com notas”, “tradução com comentários” e, mais recentemente e de modo mais disseminado, “tradução comentada” (Zavaglia, Renard e Janczur, 2015). Sendo um gênero em emergência, é possível identificar uma maior abertura e flexibilidade no modo como pesquisas dessa natureza têm se estruturado. Nesta pesquisa, elaboramos a tradução comentada por meio de uma abordagem qualitativa do ponto de vista de sua natureza, descritiva do ponto de vista de seus objetivos, e, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, seguindo alguns princípios e passos gerais do campo da tradução comentada envolvendo línguas de sinais recentemente sintetizados por Albres (2020).

Contribuindo para o conhecimento do referido campo, a *tradução comentada* tem aparecido “mais precisamente ao longo dos 15 últimos anos em formato acadêmico, sendo as universidades UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UFC (Universidade Federal do Ceará) protagonistas nesse tipo de iniciativa (Freitas *et al.*, 2017, p. 11). Há diversos motivos que têm levado os acadêmicos a se interessar pela tradução comentada, mas são ainda poucas as pesquisas falando sobre os detalhes da metodologia e análise desenvolvidas.

Nas traduções comentadas, o objetivo é não apenas de produzir a tradução enquanto produto, mas também documentar e refletir sobre o processo tradutório. Por isso, a cada nova versão de tradução produzida, o tradutor-pesquisador faz uso do *diário de tradução*, um instrumento metodológico para documentação desse processo de produção das versões de tradução. Quanto mais detalhado o diário, mais rico o material que poderá servir de base para reflexão. Não há regras estritas para a produção desse documento, mas neste trabalho sugerimos seguir recomendações sobre produção de diários advindas do campo dos *Estudos em Diário*, tradicionalmente explorados em estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas (Leite; McCleary, 2009), mas cujos parâmetros (Leite, 2000) podem se adequar ao que se espera de uma tradução comentada: a) registrar tanto observações sobre o texto quanto subjetivas (sensações, sentimentos) acerca do envolvimento nas

atividades de tradução; b) detalhar os procedimentos e instrumentos de trabalho utilizados no processo tradutório; c) produzir o diário no mesmo momento em que a experiência tradutória está sendo feita, podendo ser complementado ao término do trabalho, mas não com grande lacuna de tempo para evitar esquecimentos; d) não se preocupar demasiadamente com a estética e correção gramatical, pois a publicação futura poderá re-elaborar o diário para fins de publicação; e) documentar questões que possam não ter resposta imediata e que merecem maiores investigações; entre outros procedimentos.

Em relação à natureza do conteúdo dos comentários do diário de tradução, eles não são definidos de modo apriorístico (Albres, 2020, p. 430). Eles deverão emergir a partir da reflexão do tradutor-pesquisador na medida em que apresenta versões da tradução e analisa o seu próprio processo. Além disso, a análise envolve aspectos amplos e não estritamente linguísticos, pois

em uma tradução comentada não estudamos apenas a língua como um sistema, mas a linguagem viva no seu movimento de interpretação e construção de sentidos como também pela produção de sentidos vivida pelo tradutor. (Albres, 2020, p. 430).

Ao final do trabalho, então, o tradutor-pesquisador irá retornar aos registros de seu diário de tradução, na busca de identificação de tópicos mais relevantes, temas recorrentes, buscando identificar categorias de análise emergentes ao longo do processo. É nesse momento, então, que diálogos com a literatura teórica no campo dos estudos da tradução e interpretação poderão ser feitos, pois os dados mostrarão quais temas dessa literatura se mostraram mais relevantes no trabalho.

Outro tema central nas traduções comentadas diz respeito a como o pesquisador pretende apresentar os seus dados de tradução ao seu leitor. Albres (2020) problematiza esse tema, que é especialmente sensível no caso de traduções envolvendo línguas de sinais pelo fato de serem línguas sem um registro escrito historicamente consolidado. Sendo assim, o que poderíamos considerar “boas práticas” na apresentação de dados de traduções comentadas envolvendo línguas de sinais?

Nesse sentido, a autora propõe as seguintes recomendações, elaboradas com base tanto em suas próprias pesquisas quanto na análise de outras traduções comentadas no campo das línguas de sinais (Albres, 2020, p. 443-446). As recomendações envolvem: a) apresentar ao leitor o texto de partida, a versão final e as intermediárias da tradução e os comentários mais relevantes dos diários de

tradução, problematizando os desafios encontrados e as soluções propostas; b) estruturar a apresentação dessas reflexões com base em unidades de tradução enumeradas para fácil correlação entre análise e os dados; c) delimitar o tempo dos vídeos (no caso em que o texto de partida ou de chegada está na modalidade filmada) aos quais as discussões se referem; d) disponibilizar o link do texto de partida e da tradução final em uma plataforma segura, pois na internet por vezes os autores podem subtrair o material a qualquer momento; e) incluir prints com imagens dos sinais associados às glosas, para dar clareza ao reconhecimento do sinal, uma vez que as glosas são opacas em relação a qual sinal está sendo produzido; e f) apontar as categorias de análise identificadas e exploradas na pesquisa.

Assim, entendemos que a abordagem metodológica da tradução comentada oferece a possibilidade de desenvolver um trabalho tradutório relevante não apenas para o desenvolvimento da comunidade surda, que terá acesso ao texto traduzido como produto, mas também para o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação, ao contribuir para a reflexão sobre conceitos, estratégias e procedimentos de tradução.

3.2 SELEÇÃO E CONCEITUAÇÃO DO OBJETO DE TRADUÇÃO

A palestra da Monja Coen Roshi, intitulada “A importância do autoconhecimento”, foi produto de uma palestra proferida para o *IV Congresso Internacional de Felicidade*. Disponibilizado gratuitamente na plataforma YouTube,⁵ esse foi o texto de partida que selecionamos para o nosso exercício de tradução comentada. Estando disponibilizada na plataforma YouTube, configura-se em um dado de acesso público e irrestrito, não requerendo a submissão ao Comitê de Ética, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

Um primeiro critério para a seleção do texto de partida era o de que tratasse do tema do autoconhecimento. Inicialmente, não sabíamos se escolheríamos um texto em português escrito ou filmado, mas acabamos optando por essa segunda modalidade ao nos depararmos com a palestra da Monja Coen, uma renomada mestra zen budista que tem sido referência tanto para a comunidade budista quanto para comunidade leiga sobre temas da meditação e do autoconhecimento.

⁵ O texto pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=dqXthsavYGI&t=10s>.

Monja Coen Roshi (Cláudia Dias Baptista de Souza) nasceu em São Paulo e cresceu em meio a um rico ambiente cultural em sua família. Seus primos formaram a conhecida banda brasileira, *Os Mutantes*. Trabalhou como jornalista em uma época em que ainda não era exigido que os profissionais tivessem formação acadêmica na área. Nesse período, viveu uma relação abusiva que quase culminou com seu suicídio, motivo pelo qual se mudou para fora do país, acabando por se envolver em profundas experiências psicodélicas em busca de Deus e da verdade.

Posteriormente voltou ao Brasil e foi para os Estados Unidos, conheceu seu futuro marido em um show da banda de Heavy Metal Alice Cooper, e residiu na Califórnia até que teve contato com livros sobre Zen Budismo, tópico que lhe despertou profundo interesse. Foi então que mergulhou nesse universo, deixou seu emprego, separou-se e tornou-se monja (Figura 3). Depois de anos de prática assídua, passou por um período de imersão de 12 anos em mosteiros no Japão, sendo a primeira monja a ocupar o cargo de “Shusso” – líder das monjas em treinamento. Casando-se com um jovem monge japonês, retornou ao Brasil e desde então se engajou em inúmeras atividades relacionadas à expansão dos ensinamentos budistas, da meditação e do autoconhecimento, estabelecendo diálogos interreligiosos, fundando templos, ordenando monjes e monjas e tornando-se uma palestrante renomada nos meios laicos.

Figura 3 - Cerimônia de ordenação da Monja Coen.



Fonte: <https://monjacoen.com.br/biografia/>

O tema do autoconhecimento é amplo e pode ser abordado sob inúmeras perspectivas e diferentes níveis de aprofundamento. Neste caso, o texto aborda especificamente a dificuldade que as pessoas enfrentam em relação a receber críticas

e ofensas. Consideramos um subtópico interessante, pois aborda a relevância prática da ideia de autoconhecimento, ao invés de algo mais teórico e denso. Traz exemplos simples de fatos e acontecimentos do dia a dia que facilitam o entendimento da mensagem principal: de que é possível mudarmos a nossa forma de pensar e de ver o mundo, de trocarmos pensamentos desafiadores e densos por pensamentos elevados que nos transmitam leveza, e que essas pequenas ações podem mudar o nosso dia, a nossa relação com as pessoas e os acontecimentos ou a forma como nos sentimos perante elas. Monja Coen discorre sobre esse assunto sempre com seu tom leve e bem-humorado, e ainda assim profundo, repleto de citações a grandes autores e reflexões filosóficas.

Outro critério para a escolha por esse texto de partida é a duração, que possui pouco mais do que 9 minutos. Na verdade, nosso objetivo era o de escolher um texto mais curto possível, pois sabíamos que quanto maior o texto, menos poderíamos aprofundar em nossas reflexões e na elaboração das versões. Então, consideramos que mesmo o tempo de 9 minutos é um texto longo considerando o curto tempo de desenvolvimento do TCC, mas ao reconhecer que o propósito desse trabalho era principalmente o de fazer um exercício de tradução comentada, e não de chegar a uma conclusão definitiva, consideramos que esse tempo de duração seria adequado.

3.3 ETAPAS E PROCEDIMENTOS TRADUTÓRIOS

De modo a desenvolver este trabalho de tradução comentada, adotei um conjunto de etapas e procedimentos inspirados pela pesquisa de Leite *et al.* (2024), embora devido ao escopo restrito do TCC, algumas dessas etapas e procedimentos tenham sido simplificados.

Após escolhido o texto de partida, fiz um download do vídeo da plataforma do Youtube e em seguida um upload em meu próprio canal, de modo a assegurar que o vídeo não fosse retirado do ar, tal como a recomendação de Albres (2020).⁶ A primeira etapa do processo tradutório foi a de assistir ao vídeo e fazer uma transcrição integral da fala da palestrante (Apêndice A). Então, assisti outras vezes ao vídeo acompanhando a transcrição, de modo a me familiarizar com o seu conteúdo.

⁶ O vídeo está disponível agora em meu canal pessoal:
<https://www.youtube.com/watch?v=dqXthsavYGI>.

A etapa seguinte foi a de tomar notas das questões que chamavam mais a minha atenção como desafios tradutórios, por meio de um primeiro registro na forma dos diários de tradução (Apêndice B). Essas anotações foram então compartilhadas com o orientador da pesquisa, que também atuou como revisor, em busca de compartilhamento de ideias sobre como lidar com as questões tradutórias.

Tendo tomado as soluções tradutórias e documentando-as no diário de tradução, passei então à produção da primeira versão da tradução (Figura 4).⁷

Figura 4 – Produção da primeira versão da tradução



Fonte: elaborado pela autora

Há muitas formas de se produzir a versão em Libras de um texto de partida em português, seja escrito, seja oral e essas formas têm variado de acordo com preferências de cada tradutor. Alguns utilizam o recurso do teleprompter, alguns utilizam textos em português com estrutura próxima da Libras, alguns usam glosas que sirvam como mnemônicos dos sinais na própria estrutura da Libras, outros (ouvintes) gravam as glosas para depois ouvi-las ao invés de lerem, outros optam por memorização (e.g. Pinheiro *et al.*, 2018). Dada nossa explicação sobre tradução e interpretação, optamos por realizar nessa primeira versão o que chamamos de interpretação gravada, isto é, coloquei o vídeo para tocar e fui interpretando simultaneamente seguindo o discurso. Optei por uma parede branca como fundo, e utilizei o meu celular e um tripé para a gravação. Para esta versão não me preocupei com outros recursos como a iluminação específica, ficando apenas com a luz do ambiente, além de estar sentada em uma cadeira normal que aparece o encosto no

⁷ A primeira versão está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_mA0SKmd7wM.

vídeo. A blusa utilizada na gravação tinha um detalhe pequeno estampado no peito com letras brancas e não me produzi esteticamente para essa versão. Meu objetivo com a escolha da versão dessa forma era me apropriar da prosódia, conhecer o ritmo do discurso e a minha desenvoltura para expressar em Libras a essência do discurso. Essa Versão 1 não foi uma interpretação sem preparação prévia, pois antes de sua realização, eu já havia visto o vídeo diversas vezes, refletido sobre escolhas em algumas passagens específicas e feito pesquisas de alguns sinais, como é possível acompanhar no diário de tradução dessa primeira versão (Apêndice A).

Após a conclusão da filmagem, ainda restava trabalhar na edição do texto de chegada, que envolvia a janela de Libras. Assim, produzi uma edição simples incluindo a janela de Libras sem me preocupar com critérios de configuração visual, pois o objetivo inicial era apenas o de produzir um rascunho⁸. Por exemplo, um aspecto que pensei inicialmente em fazer era o de manter o vídeo da palestrante em tela cheia e a janela de Libras no canto, abaixo e à direita, mas por dificuldades no momento de edição, acabei configurando do modo que está apresentado na Figura 5, sabendo que nas versões seguintes essas configurações seriam ajustadas.

Figura 5 – Primeira versão do texto de chegada com janela de Libras como rascunho para discussão.



Fonte: elaborado pela autora

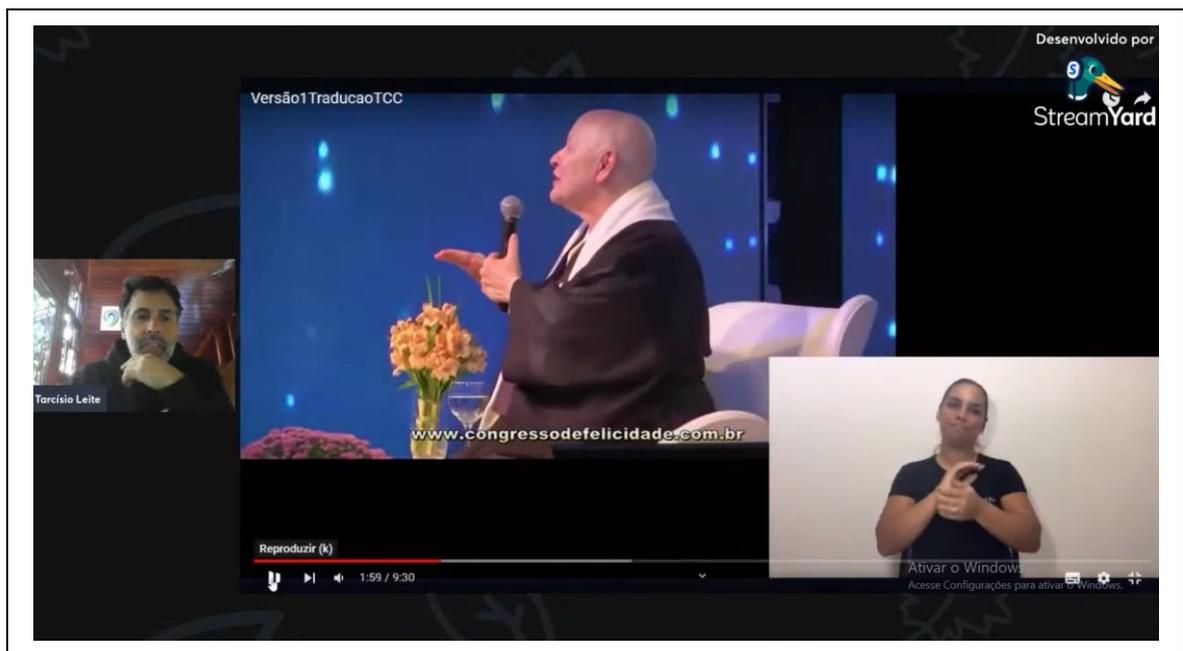
Com essa primeira versão, o orientador da pesquisa atuou como um revisor externo do texto (Figura 6). Para isso, ele utilizou o programa gratuito StreamYard como instrumento metodológico para comentários sobre o texto, já que esse programa

⁸ A versão da tradução com a janela de Libras está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wJ00jT7T_nc.

possibilita que o revisor seja filmado enquanto assiste ao texto filmado, de modo que faça comentários pontuais nos momentos em que eles se mostram relevantes ao pesquisador (Leite *et al.*, 2024).⁹

Os comentários do revisor foram então tabulados (Apêndice C), servindo de base para a tradutora-pesquisadora refletir sobre os pontos apresentados e tomar suas próprias decisões tradutórias, não necessariamente acatando as sugestões colocadas pelo revisor, mas principalmente utilizando-as de base para uma problematização. Essa tabulação também serviu mais tarde de base para a identificação das categorias de análise que serão então discutidas na seção 4 de Análise.

Figura 6 – Revisão da primeira versão da tradução pelo orientador (à esquerda do vídeo) utilizando o programa StreamYard.



Fonte: elaborado pela autora

3.4 LIMITAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Devido às limitações de tempo de produção do TCC, é importante reforçar que o produto final deste trabalho de conclusão de curso não deve ser recebido como

⁹ A revisão do orientador da pesquisa pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=opkKsCQoyPE>.

uma tradução comentada completa, tendo em vista que por limitações de tempo não foi possível fazer muitas versões, nem produzir diários de tradução minuciosos ou elaborar análises mais detalhadas desses processos. Inicialmente, pensamos em produzir diversas versões, mas os desafios de ter que redigir o TCC e realizar a pesquisa em um único semestre — que se reduz efetivamente a 4 meses — fez com que optássemos por abordar este trabalho mais como um exercício de pesquisa do que como uma pesquisa completa.

Sendo assim, nosso propósito foi o de estudar e se familiarizar teórica e metodologicamente com o campo da tradução comentada de línguas de sinais, especificamente explorando a janela de Libras. A partir dessa familiarização, então, buscamos experimentar na prática cada uma das etapas e procedimentos do trabalho em tradução comentada, tal como descrito na seção 3.3.

Por esse motivo, apenas foi possível desenvolvermos duas versões do processo tradutório, que foram acompanhadas de dois diários de tradução e, a partir dessa revisão, encaminhou-se a segunda e última versão onde foram identificadas as categorias de análise. Certamente, reconhecendo que o processo tradutório exige uma maior maturação, não consideramos a segunda versão como pronta e publicável do trabalho, mas consideramos adequada para fins deste TCC, como evidência de como se realiza um trabalho de tradução comentada. A partir de agora, esperamos pelo menos ajustar o que for necessário para que essa tradução possa ser disponibilizada à comunidade surda.

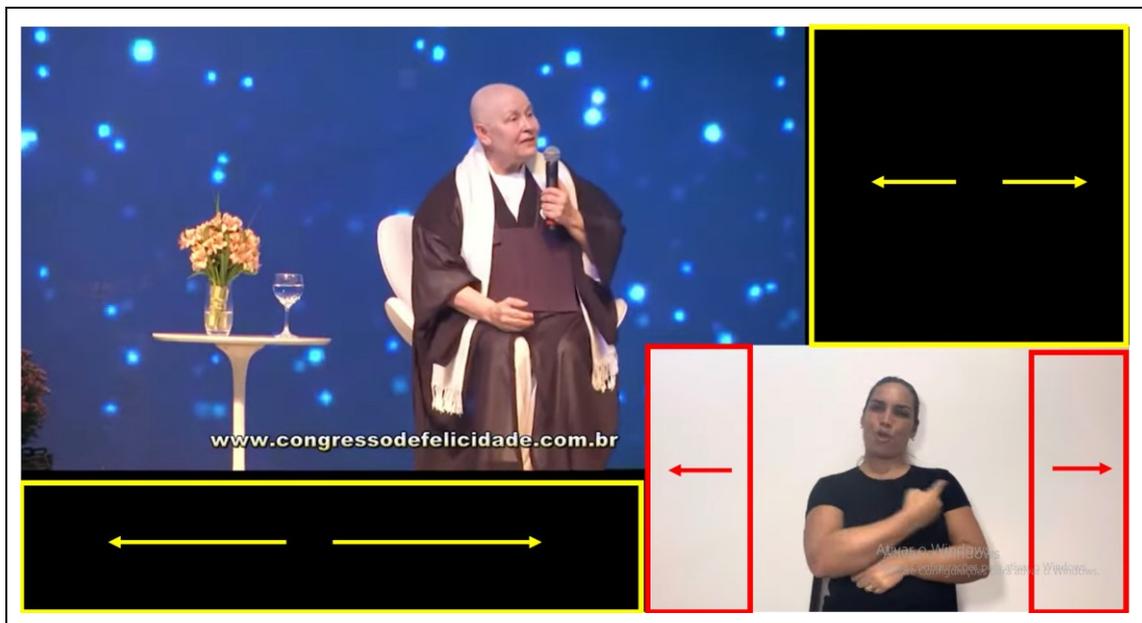
4 ANÁLISE

Tal como exposto na seção anterior, nesta pesquisa realizamos apenas um exercício de análise em tradução comentada, não tendo sido possível desenvolver a quantidade de versões e revisões que seriam necessárias para atingirmos o resultado final que considerássemos satisfatório, devido às limitações de tempo na elaboração do TCC. Sendo assim, a análise aqui apresentada estará restrita ao processo de produção e revisão da primeira versão.

4.1 CONFIGURAÇÃO VISUAL DA JANELA DE TRADUÇÃO

A primeira observação feita durante o processo de revisão da Versão 1 da tradução diz respeito à configuração visual da janela de tradução. Para fins de produção dessa Versão 1 (Figura 7), inseri uma janela de tradução sem preocupações em relação à configuração visual da tela, considerando essa ainda uma versão rascunho, que seria posteriormente aprimorada. Na avaliação dessa versão, o revisor apontou que as dimensões da tela poderiam ser mais bem aproveitadas, tanto em relação à imagem da tradutora, pois o seu discurso em Libras não ocupava todo o espaço da janela (quadros vermelhos em destaque), quanto em relação à palestrante, pois o fundo da tela foi deixado com espaços vazios (quadros amarelos em destaque).

Figura 7 – Primeira versão da janela de tradução em Libras.



Fonte: elaborado pela autora

Assim, a sugestão do revisor foi a de que o espaço fosse mais bem aproveitado, diminuindo ambas as janelas (da palestrante e da tradutora) em suas margens direita e esquerda, ampliando ambas as janelas, e colocando-as lado a lado, seguindo, portanto, a percepção do público-alvo surdo, tal como demonstrada na pesquisa de Nascimento (2021). No caso da Monja Coen, isso exigiu que o recorte e ampliação da imagem fosse feito separadamente em diferentes momentos da palestra, pois a filmagem original envolveu três enquadramentos distintos: dois em plano médio, em que a palestrante aparece com foco da cintura para cima, com a câmera posicionada mais à esquerda (Figura 8a) e outra mais à direita (Figura 8b), e

outra em plano americano, posicionada de modo levemente frontal (Figura 8c). No caso do plano americano, que aparece na Figura 7, o revisor sugeriu, contudo, mantermos as flores ao lado da Monja, considerando parte importante da ambientação de seu lugar de fala físico e espiritual.¹⁰

Figura 8 – Enquadramentos da Monja Coen na palestra filmada.



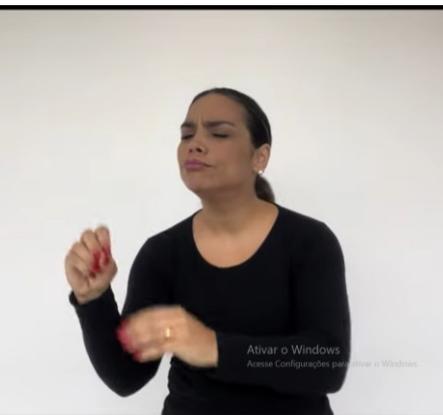
Fonte: elaborado pela autora

O resultado da revisão da configuração da janela de tradução em Libras é apresentado na

Figura 9. Tendo em vista que essa Versão 2 seria a última versão deste TCC — embora, como já dissemos, ainda necessite de revisões para publicação no YouTube de forma definitiva — decidi também aprimorar a produção da imagem e o aspecto formal da interpretação: melhorei a qualidade da iluminação, utilizei uma camisa de manga comprida para aumentar o contraste com o fundo branco-acinzentado, maquiei-me e prendi o cabelo e optei por produzir a tradução de pé, ao invés de sentada. Do ponto de vista visual, em analogia ao sentido da audição, sentimos que com essa primeira revisão é como se tivéssemos melhorado a qualidade do som e aumentado o volume do vídeo, que antes estava um pouco baixo e ruidoso.

Figura 9 – Versão revisada da janela de tradução em Libras.

¹⁰ Em determinado momento da palestra (https://youtu.be/wJ0OjT7T_nc?t=152), a monja inclusive faz referência a uma planta que está a sua frente, embora não apareça no enquadramento da câmera, para ilustrar seus ensinamentos, ao discutir a importância de apreciarmos a nossa vida e de outros seres, sem a imposição de nossos próprios valores. Assim, consideramos a flor ao seu lado não apenas um adorno estético, mas parte silenciosa do ensinamento por ela oferecido.

		<p>a. Reconfiguração da janela com plano médio à esquerda</p>
		<p>b. Reconfiguração da janela com plano médio à esquerda</p>
		<p>b. Reconfiguração da janela com plano americano frontal</p>

Fonte: elaborado pela autora

Supondo que a tradução continuará ainda a ser elaborada, o processo de revisão da janela de tradução ainda deverá passar por outras etapas de revisão. Neste caso, consideramos apropriado proceder como Nascimento (2021), isto é, produzindo diferentes versões de configuração (incluindo a que apresentamos na Versão 2) e verificando junto a colaboradores surdos quais delas lhes parecem mais confortáveis e atraentes para visualização. Poderemos inclusive testar outras cores de fundo para a tradução, como o fundo azul clássico, ou o apagamento do fundo por meio do recurso de Chroma Key. A verificação da recepção da comunidade surda nos parece

uma etapa crucial do processo tradutório, tendo em vista que esse será o público-alvo do trabalho e consequentemente o principal interessado.

4.2 PROSÓDIA NO PORTUGUÊS E NA LIBRAS

Tradicionalmente, nos processos tradutórios envolvendo línguas orais escritas, a relevância do tema da prosódia e dos aspectos suprasegmentais do texto está circunscrita a aspectos tais como a pontuação e segmentação do texto. Isso porque tanto o texto de partida quanto o texto de chegada escritos são textos descorporeados e, portanto, carecem de qualquer prosódia de base emocional. Nesses textos, quando o gênero textual assim exige, a emocionalidade é expressa por meio de recursos léxicogramaticais.

A tradução envolvendo línguas de sinais, no entanto, se difere nesse aspecto das traduções de línguas orais escritas, pois embora compartilhe os processos da escrita em termos de possibilidade de planejamento, separação de tempo e espaço do interlocutor e fixação em algum tipo de registro, uma de suas características é inevitável, a visibilidade do corpo do tradutor de Libras. Desse modo, sempre que o corpo se mostra presente em traduções, seja envolvendo línguas de sinais ou línguas orais na modalidade falada, é crucial levar em consideração como as diferentes partes do “corpo falam” (Weil e Tompakow, 2015) e, no nosso caso em particular, como a prosódia emocional do texto de partida em português será representada no texto de chegada em Libras.

Em uma pesquisa voltada à tradução do livro *Meditação Andando*, do mestre budista Thich Nhat Hanh, Leite *et al.* (2022; 2024) dão destaque a essa questão, que é particularmente problemática em seu trabalho pelo fato de o texto de partida ser escrito e, portanto, ausente dessas marcas emocionais. Nesse caso, o tradutor precisa recriar quase que inteiramente a prosódia emocional do autor, incluindo o ritmo de sua fala, a extensão de suas pausas de silêncio, suas expressões faciais e olhares.

No caso desta pesquisa, tendo em vista que o texto de partida está na modalidade (corp)oral filmada, o público-alvo surdo tem acesso à dimensão expressiva visual da autora, Monja Coen (Figura 10), o que em certa medida poderia tornar menos impactante essa questão. Ainda assim, parte significativa da prosódia

da emoção nas línguas orais se expressa por meio de recursos de vocalização, tais como o tom ou melodia, as nuances entoacionais, os acentos, o volume e aspectos idiossincráticos que tornam o reconhecimento da voz de uma pessoa único, como é o caso do timbre. Assim, um dos desafios da tradução da (corp)oralidade da Monja Coen do português para a (corp)oralidade da tradutora na Libras é a recriação dessas características sonoras em uma dimensão puramente visual.

Figura 10 – Alguns registros das expressões faciais da Monja Coen na palestra.



Fonte: elaborado pela autora

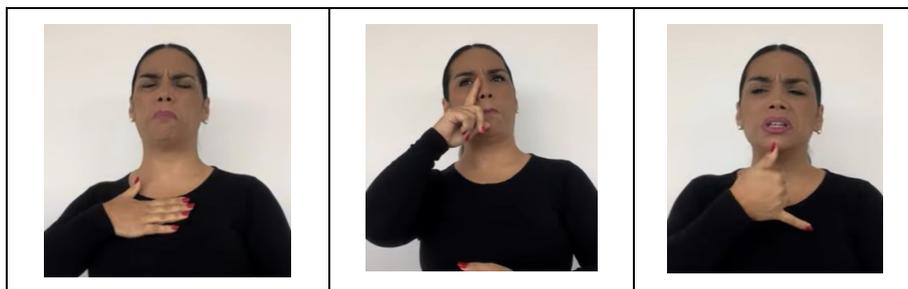
Esse foi um dos fatores que foi apontado na revisão da Versão 1 da tradução, mas vamos ilustrar essa reflexão com dois trechos do discurso já da Versão 2, revisada: no primeiro trecho, apresentamos um exemplo em que nos parece que eu, assim como me alertou o revisor, me distanciei do tom emocional da autora; em seguida, no segundo trecho, apresentamos um exemplo em que sentimos que conseguimos capturar melhor o tom da Monja, me aproximando mais daquilo que esperamos para o texto de chegada em termos da expressividade do discurso em Libras.

Iniciando pelo primeiro trecho, logo no início do texto, Monja Coen cita o professor Leandro Karnal, dizendo: “O quê que o professor Karnal fala? É uma joia ‘né’? É uma joia pedagógica! Ele diz assim: “Eu fiquei pensando em minha mãe, uma senhora tão discreta, sempre com as roupinhas fechadas, um olhar até tristonho. Ele

não conheceu mamãe! Então não me ofendeu!” Apenas lendo o texto escrito, poderíamos projetar diferentes formas de vocalização, mas é apenas ouvindo a voz da Monja¹¹ que conseguimos sentir o tom emocional que ela sobrepõe aos segmentos léxico-gramaticais de seu discurso. Buscando identificar subjetivamente essa emoção – já que não nos parece ser possível descrever expressões emocionais objetivamente – sentimos na fala da monja um tom carinhoso, amável, que poderíamos quase associar ao de uma avó se dirigindo aos netos. Até mesmo do ponto de vista lexical, ela utiliza expressões como “roupinhas” ao invés de “roupas”, “mamãe”, ao invés de “mãe”, marcando um registro de ternura na fala.

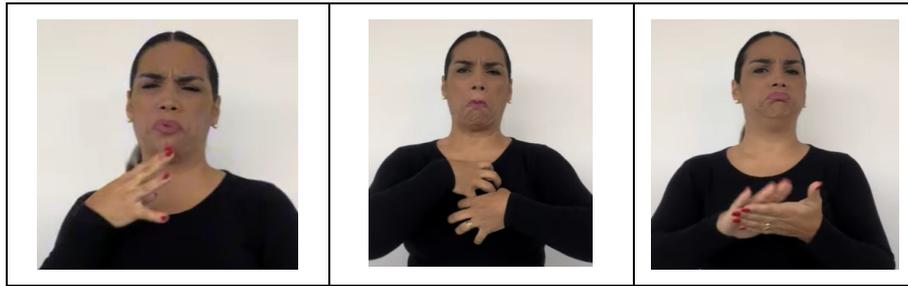
No entanto, ao traduzir esse primeiro trecho, minha expressividade no discurso em Libras refletiu enfaticamente a dimensão do *estranhamento* que está por trás do conteúdo da fala de Karnal (Figura 11), já que a ofensa supostamente não correspondia à imagem de sua mãe, e não refletiu propriamente *o modo* suave como Monja Coen retratou esse estranhamento por meio de sua prosódia e expressividade. Assim, em futuras versões, uma questão que consideramos relevante seria a de aprimorar essa expressividade, buscando nos aproximar mais do registro emocional de “amabilidade” da Monja Coen – compreendendo, como Leite *et al.* (2022, 2024) propõem, que para discursos dessa natureza, proferidos por mestres e mestras budistas, *o modo como falam é tão importante quanto o que falam*.¹²

Figura 11 – Expressividade da tradutora que salienta o traço de estranhamento da fala de Karnal, omitindo o tom por meio do qual Monja Coen o cita



¹¹ O trecho vai de 0m11s a 0m 30s, e pode ser conferido na segunda versão da tradução: <https://www.youtube.com/watch?v=DSPHbwXJZXo>.

¹² Os autores argumentam que talvez outros tipos de gêneros do discurso possam não envolver essa problemática. Por exemplo, textos acadêmicos possuem um registro de neutralidade, no qual a função subjetiva ou emotiva desempenha pouco ou nenhum papel.



Fonte: elaborado pela autora

Logo em seguida a essa passagem do texto, quando Monja Coen explica o que está por trás dessa história, identificamos um trecho da tradução em que nos parece que consegui me aproximar dessa orientação relativa à prosódia emocional da autora. Nesse trecho, Monja Coen diz: “A base desta brincadeira é você perceber que se você tiver autoconhecimento, conhecer a si mesmo, ninguém vai te ofender.” Aqui, como mostra as imagens da Figura 12, a minha expressividade visual conseguiu refletir bem melhor o tom de amabilidade da autora, mantendo um sorriso e uma leveza no rosto.

Figura 12 – Expressividade que aponta para o traço de amabilidade da fala da Monja Coen pela expressão facial



Fonte: elaborado pela autora

4.3 RECURSOS VISUAIS COMPLEMENTARES

Em minha Versão 1 da tradução, outro aspecto apontado pelo revisor diz respeito à explorar os potenciais multimodais da modalidade filmada para inserir informações linguísticas e extra-linguísticas complementares ao meu discurso em Libras. Por exemplo, ao longo de sua palestra, Monja Coen cita duas pessoas, o professor Leandro Karnal e o mestre budista Dalai Lama, e em minha Versão 1 eu optei por soletrar manualmente seus nomes; e cita também dois livros, “Um estranho numa terra estranha” e “Sidarta”, que eu traduzi para a Libras no primeiro caso e usei a imagem e o apontamento no segundo. O revisor sugeriu, então, que nas citações fosse inserida imagens tanto dos autores quanto dos livros (Figura 13), não apenas porque a comunidade surda poderia desconhecê-los, mas porque para os surdos a impressão visual das pessoas é importante, e a soletração manual de expressões desconhecidas (por exemplo, nomes incomuns de pessoas como “Karnal”, “Dalai Lama” e “Sidarta”) também é difícil de reter.

Concordando com a sugestão do revisor, na Versão 2 da tradução fiz uma busca na internet e selecionei imagens tanto dos autores quanto dos livros citados, inserindo as imagens no espaço entre as duas janelas e fazendo referência a elas por meio de um apontamento formal com as mãos abertas (Figura 13). Ainda assim, poderíamos levantar outras questões relevantes para reflexão sobre essa solução, para possíveis ajustes em uma Versão 3: o tamanho das imagens está adequado? O tempo em que elas permanecem na tela é suficiente para a sua apreciação? Além disso, não seria adequado que ao menos os nomes do Leandro Karnal e Dalai Lama estivessem também escritos por meio de uma legenda abaixo de suas imagens, ou ainda que fossem também referenciados discursivamente por meio da soletração manual? Essas são algumas das questões que podemos considerar em futuras versões.

Figura 13 – Inserção de recursos visuais complementares ao discurso em Libras

	
<p>Imagem do professor Leandro Karnal</p>	<p>Imagem do mestre budista Dalai Lama</p>
	
<p>Imagem do livro “Um estranho numa terra estranha”, de Robert A. Heinlein</p>	<p>Imagem do livro Sidarta, de Hermann Hesse</p>

Fonte: elaborado pela autora

Também a partir de comentários do revisor, optamos por explorar o potencial da modalidade filmada para incluir na forma de legenda a frase de um bispo católico que também foi apresentada pela autora na forma de uma citação. Na Versão 1, apresentei diretamente uma tradução, mas consideramos relevante apresentar a legenda escrita por dois motivos: ela de fato representa a citação direta e, além disso, é uma frase paradoxal e filosófica de difícil tradução para a Libras, de modo que consideramos relevante o público surdo poder comparar a frase com a tradução que propusemos, que apresentava um caráter mais explicativo do que literal. Contudo, em relação a aspectos tais como fonte, cor, tamanho e segmentação da legenda, em uma futura revisão consideramos que seria necessário atender às atuais normas para formatação de legendas (Rodrigues *et al.*, 2023).

Figura 14 – Inserção de legenda para citação direta de frase em português.



Fonte: elaborado pela autora

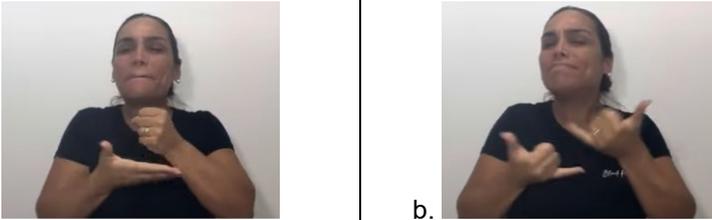
4.4 SUPERANDO A TRADUÇÃO PALAVRA-SINAL

No campo das línguas de sinais, por motivos socio-históricos diversos, há uma prática amplamente disseminada de explicar o significado dos sinais por meio de referências a palavras de línguas orais (Leite *et al.*, 2022). Desse modo, os significados dos sinais da língua de sinais americanas são apresentados por meio de palavras do inglês, o significado dos sinais da Libras são apresentados por meio de palavras do português, e assim por diante. Para nós, tradutores e intérpretes, tomar consciência desse processo e aprender a ir além da tradução palavra-sinal é um cuidado que precisamos manter em mente em nossa prática profissional. Além disso, na prática tradutória é comum darmos demasiada importância à forma do texto de partida e enveredarmos na direção de uma tradução literal, presa às palavras, ao invés de buscarmos compreender o sentido ou função do que está sendo transmitido; em outras palavras, o que o autor está querendo dizer com isso? (Nord, 2016). Vamos ilustrar essa reflexão com dois exemplos de minha tradução em que percebemos essas questões em um breve trecho da tradução e a corrigimos na Versão 2.

No início do texto, após citar Karnal e a sua “jóia pedagógica”, uma “brincadeira” em que ele demonstra não se ofender ao sofrer um xingamento, Monja Coen diz: “A base dessa brincadeira é de que se você tiver autoconhecimento,

conhecer a si mesmo, ninguém vai te ofender”.¹³ Em minha Versão 1, traduzi a expressão “A base dessa brincadeira” com os sinais que aparecem na Figura 15a e Figura 15b. Essa tradução, contudo, reflete claramente algumas associações convencionais que são feitas entre os sinais e palavras do português. No contexto do Curso de Letras-Libras, no qual estou me formando, a palavra “base” é comumente associada ao sinal da Figura 15a, no entanto relacionado a contextos como “um nível básico dentre outros mais complexos (por exemplo, um curso “básico” de Libras, em oposição “intermediário”, “avançado”), ou aos “elementos essenciais” ou “fundamentos” de uma área de estudo, como na disciplina “Fundamentos” da Educação de Surdos. Neste contexto, contudo, a expressão “a base dessa brincadeira” não tem relação com essas nuances. Não se trata “do nível básico” de uma brincadeira, tampouco dos “elementos essenciais ou fundamentais” dessa brincadeira; trata-se, sim, de dizer “o que está por trás dessa brincadeira?”, “o que ele está querendo ensinar por meio dessa brincadeira”? Reconhecendo essa observação, em minha Versão 2 eu corriji a tradução, me afastando da associação estreita sinal-palavra e empregando uma paráfrase que representasse o *sentido* que Monja Coen queria transmitir.

Figura 15 – Tradução baseada no sentido (Versão 2) e superação das associações habituais entre palavra e sinal (Versão 1).

Versão 1	
Tradução reversa (considerada inadequada)	<p>“O nível básico da brincadeira” ou “Os elementos essenciais da brincadeira”</p>

¹³ Esse trecho do texto vai dos 0m38s a 0m48s, na primeira versão https://youtu.be/wJ0OjT7T_nc?t=38 e na segunda versão <https://youtu.be/DSPHbwXJZXo?t=38>

Versão 2		
Tradução reversa (considerada adequada)	“O que isso (a brincadeira) quer dizer?” ou “O que isso (a brincadeira) significa?”	

Fonte: elaborado pela autora

Em seguida, quando Monja Coen diz, “se você se conhecer a si mesmo, ninguém vai te ofender”, empreguei em minha primeira versão a frase representada nas Figura 16a-b-c, e que poderia ser traduzida, reversamente, por algo como: “As pessoas não vão mais te agredir verbalmente”. O problema aqui são as diferenças semânticas entre a palavra “ofender” do português e o sinal que aparece na Figura 16b. No português, “ofender” poderia ser parafraseado por “magoar”, “causar raiva”, “produzir uma humilhação”, por exemplo. O traço semântico fundamental da palavra é o impacto que uma palavra dirigida a nós gera em nós. Na Libras, por sua vez, o sinal da Figura 16b poderia ser parafraseado (em português) por “atacar verbalmente”, “xingar”, “agredir com palavras”. Contudo, seu traço semântico fundamental não é o impacto que ele causa, mas a agressão em si, o que se reflete em sua iconicidade pela sua expressão facial, direcionalidade e movimento de abertura do dedo, sugerindo “algo que é arremessado por uma pessoa na direção de outra”. Eu poderia traduzir a frase do português “Ela me ofendeu” empregando esse sinal, mas apenas em um contexto em que a agressão verbal foi sentida como uma ofensa; entretanto, o contexto que Monja Coen traz é o oposto: independentemente da agressão verbal, não nos sentimos ofendidos. Por esse motivo, em minha Versão 2, acatei a sugestão do revisor e modifiquei a tradução com a frase das Figura 16d-c-f, e que poderia ser traduzida, reversamente, por algo como: “As pessoas podem te agredir verbalmente, mas você não vai se abalar”.

Figura 16 – Tradução baseada no sentido (Versão 2) e a superação da tradução literal (Versão 1)

Versão 1	a. 	b. 	c. 
Tradução reversa (considerada inadequada)	“As pessoas...”	“... xingarem você...” ou “...atacarem você verbalmente...”	“... não vão mais”.
Link da tradução em Libras (46s a 50s): versão 1 https://youtu.be/wJ0OjT7T_nc?t=46 e versão 2 https://youtu.be/DSPHbwXJZxo?t=46			
Versão 2	d. 	e. 	f. 
Tradução reversa (considerada adequada)	“... (quando) for atacado verbalmente...” ou “for xingado...”	“... (você) vai sentir...”	“...nada.”

Fonte: elaborado pela autora

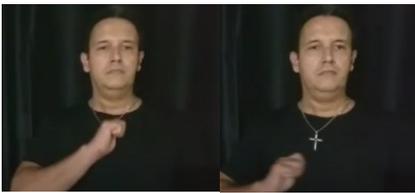
4.5 ESCOLHAS LEXICAIS E TERMINOLÓGICAS

No texto de Monja Coen, deparei-me com algumas palavras cuja tradução para a Libras eu desconhecia, relacionadas ao âmbito religioso e filosófico, tais como “mestre”, “sagrado” e “bispo”. Um desafio com palavras dessa natureza é que, por estarem vinculadas a contextos especializados e não amplamente disseminadas no cotidiano das pessoas surdas, parece haver uma variação maior nos diferentes registros disponíveis, trazendo à tona quais seriam os critérios para adotarmos uma ou outra variação na tradução.

Por exemplo, em relação à palavra “bispo”, apenas uma breve consulta na internet nos apresenta com quatro variantes utilizadas na Libras (Figura 17). O canal de Hellen Pereira Lima apresenta três variantes, embora tenhamos representado aqui na imagem apenas a que se distingue das demais apresentadas na Figura 17. Também, o canal “Sinais Católicos em Libras apresenta duas variantes (Figura 17c e

17d). Neste caso, então, nossa opção foi por seguir o Dicionário do INES (Figura 17a), por sabermos que sua produção foi elaborada com base em consultores surdos em um processo de pesquisa, que dá maior força à sua credibilidade. Ainda assim, isso não significa que os demais sinais — ou até mesmo outros sinais — não sejam convencionalizados em outras regiões ou grupos sociais.

Figura 17 - Variantes para o sinal correspondente à palavra “bispo” do português.

<p>a. </p>	<p>b. </p>
<p> Acessibilidade Brasil www.acessobrasil.org.br</p> <p>https://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/</p>	<p> Hellen Pereira Lima 26,5 mil inscritos</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=07nqppXcl8o</p>
<p>c. </p>	<p>d. </p>
<p> SCL - Sinais Católicos em Libras - Flalex 1,35 mil inscritos</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=KmwT5ol0r9c</p>	

Fonte: elaborado pela autora

Outras duas expressões que me exigiram um critério em particular para escolha lexical foram dois termos particularmente relevantes no contexto do lugar de fala que Monja Coen ocupa: “autoconhecimento” e “meditação”. Temas dessa natureza são bastante recentes no âmbito da comunidade surda e poucas pessoas têm tratado do assunto, o que é inclusive um dos aspectos que me motivaram a fazer essa tradução comentada. Para a tradução dessas expressões, então, optei por escolher sinais que vem sendo empregados por pessoas com real envolvimento pessoal e profissional nesses campos, Rimar Ramalho Segala para o conceito de “autoconhecimento”, e o projeto Yoga e Meditação para Todos, para o conceito de

“meditação”, que criaram neologismos com o intuito de se aproximar do significado desses conceitos, ao invés de ficar preso à forma das palavras no português.

Figura 18 - Sinais adotados para os termos “autoconhecimento” e “meditação” na Libras.

	<p>“autoconhecimento” como “olhar para si próprio”</p>
<p>  rimarramalhosegala Autoconhecimento - Pensamento de sucesso sistêmico - 71 - "Fale menos e escute mais" https://www.instagram.com/rimarramalhosegala/ </p>	
	<p>“meditação” como “estar centrado”, “focado”, com o “coração silenciado”</p>
<p>  yogaeditacaoparatodos Yoga e Meditação para Todos https://www.instagram.com/yogaeditacaoparatodos/ </p>	
	<p>“meditação” destacando um tipo de postura com as mãos em um mudra específico</p>
<p>  Acessibilidade Brasil ww.acessobrasil.org.br https://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ </p>	

Fonte: elaborado pela autora

É também importante considerar que algumas expressões na fala da monja Coen apresentam terminologias que podem passar despercebidas por espectadores e/ou tradutores que desconhecem a visão budista, que é o lugar de fala da autora, tais

como “respiração consciente” e “despertar da consciência”.¹⁴ Em relação ao primeiro termo, a expressão “consciente” nos parece estar relacionada ao termo do inglês “mindful”, também traduzido para o português como “atenção plena” e que envolve um estado de mente específico cultivado em alguns tipos de meditação, tais como a meditação com atenção plena (ou consciência) na respiração (como objeto).

No segundo caso, a expressão “despertar” no contexto do budismo costuma ser empregada como uma paráfrase de “iluminação” – “Buda” significa “aquele que despertou”, isto é, despertou de um estado delusivo da mente para um estado de clareza sobre a realidade. E “consciência”, nesse segundo contexto, parece estar relacionado ao que no inglês se traduz como “awareness” e que diz respeito à capacidade da mente humana de reconhecer, reflexivamente, o que quer se passe no espaço da mente.

Assim, vemos que a mesma expressão, “consciente”, pode envolver diferentes conceitos quando consideramos a visão budista por trás dos ensinamentos, e que expressões aparentemente coloquiais, como “despertar”, podem se revelar como termos técnicos nesse contexto. Isso mostra a importância da familiaridade e do estudo do tradutor nas áreas às quais se propõe a traduzir. Neste TCC, novamente por questões de tempo, não pudemos aprofundar todas essas questões até a produção da segunda versão da tradução.

4.6 MARCAS DE INTERPRETAÇÃO NA TRADUÇÃO

Carneiro *et al.* (2020) são um dos poucos trabalhos que detalham os procedimentos metodológicos adotados no trabalho de tradução envolvendo línguas de sinais, com destaque para as etapas tradutórias e as funções que os tradutores e outros possíveis participantes desempenham nesse processo. Um dos principais argumentos que as autoras buscam apresentar é a necessidade de diferenciarmos os processos de “tradução” dos processos de “interpretação” no campo das línguas de sinais.

A motivação das autoras é justificada. Em nosso campo de atuação, muitas pessoas julgam que produzir uma tradução significa simplesmente, por exemplo, ler um texto escrito em português em voz alta e produzir uma interpretação simultânea.

¹⁴ Agradecemos à profa. Bruna Estefani Libano Alves por nos chamar a atenção para esse ponto crucial da tradução.

Uma vez gravada essa interpretação no vídeo, considera-se o trabalho uma “tradução”. Assim, é comum no mercado de trabalho em nossa área, instituições públicas e privadas entregarem uma demanda de “tradução” para tradutores e intérpretes, de “tradução” de textos tais como “editais” ou “materiais didáticos”, por exemplo, de um dia para o outro, como se fosse possível elaborar uma tradução de maneira tão súbita.

Desse modo, Carneiro *et al.* (2020) tem a preocupação de distinguir “tradução” de “interpretação”, como discutimos na seção 2.1 deste TCC: ao passo que a interpretação está subordinada ao momento, ao aqui-agora, à espontaneidade, à tomada de decisões em tempo real, a tradução se caracteriza por possibilitar (e exigir) planejamento, revisão, elaboração, até que se entregue o produto final. Esse tipo de trabalho não pode ser realizado “do dia para a noite”.

Neste TCC, nos propusemos a realizar uma “tradução comentada” nos aproximando nessa noção de “tradução” que as autoras propõem, isto é, tendo tempo para problematizar as escolhas tradutórias, planejar, decidir, executar, revisar, até alcançarmos o produto final. Contudo, como discutido na seção 3.4, as limitações de tempo não nos permitiram chegar até a conclusão daquilo que consideraríamos ser uma versão final do trabalho para publicação.

Vamos ilustrar dois aspectos que demonstram marcas de interpretação na tradução, que apareceram na Versão 1 e que buscamos aprimorar na Versão 2. O primeiro aspecto diz respeito a trechos do texto de partida que foram omitidas no texto de chegada: a referência ao contexto do “Japão”, e a expressão relativa a “sentir a brisa”. Em interpretações, omissões muitas vezes ocorrem justamente pela pressão do trabalho em tempo real, no qual o intérprete não consegue acompanhar a fala do emissor e acaba omitindo (voluntária ou involuntariamente) determinados trechos. Nesses dois casos acima, contudo, ambas as omissões não foram voluntárias, e nem mesmo consideramos justificáveis, tendo em vista que o trabalho se trata de uma “tradução” e, dispondo de tempo e planejamento, não há justificativa para tais omissões. Assim, na Versão 2 esses erros foram corrigidos.

Outra marca de interpretação que identificamos na Versão 1 foi a lacuna temporal entre a palestrante e a intérprete, típica das interpretações, em que a intérprete precisa sempre ficar um pouco “atrás” da fala do emissor, já que é necessário entender o contexto em que cada nova informação é trazida, antes de interpretá-la. Por esse motivo, na Versão 1, o revisor notou que ao final do vídeo, a

imagem da Monja Coen permaneceu estática enquanto a tradutora — mais próxima de uma intérprete — prosseguiu até que conseguisse concluir o conteúdo da fala da palestrante.¹⁵ Assim, na Versão 2, busquei corrigir essa discrepância de modo que a minha fala pudesse ser concluída no mesmo tempo em que o da palestrante.¹⁶

Essa questão tradutória na relação entre língua oral e línguas de sinais, na verdade, se coloca exclusivamente quando o texto de partida, na língua oral, está na modalidade filmada, como é o caso desta pesquisa, e o texto de chegada no formato da janela de Libras. O exemplo em que podemos vê-la em operação é nas janelas de Libras de comerciais publicitários e propagandas políticas, por exemplo, em que os tradutores precisam encontrar uma estratégia para concluir o seu discurso traduzido exatamente no tempo em que se encerra a matéria. Trata-se de um desafio particular da “tradução”, não da “interpretação”, que talvez encontre paralelo no trabalho das dublagens de filmes e televisão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O meu processo de desenvolvimento pessoal e autoconhecimento despertou o desejo de auxiliar de alguma forma no processo de outras pessoas, especialmente da comunidade surda, que frequentemente enfrenta dificuldades em acessar uma variedade de materiais sinalizados. O objetivo principal deste trabalho foi alcançado: viver uma experiência de tradução comentada de um vídeo sobre autoconhecimento. Produzimos ao menos duas versões da tradução, documentando os desafios tradutórios e as soluções encontradas por meio de um diário de tradução.

Além disso, apresentei uma proposta de estrutura de diário de tradução mais organizada e acessível. Seguindo a sugestão de ALBRES (2020) de registrar o tempo do vídeo, optei por criar links que levam o leitor diretamente para momentos específicos do vídeo. Isso permite uma compreensão mais clara do conteúdo, facilitando a experiência do usuário.

Entendemos que, através dessa abordagem, conseguimos desenvolver um trabalho tradutório relevante tanto para o meu desenvolvimento pessoal e profissional quanto para o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação. Contribuímos para a

¹⁵ O trecho em questão pode ser visto a partir de: https://youtu.be/wJ0OjT7T_nc?t=553.

¹⁶ O trecho em questão pode ser visto a partir de: <https://youtu.be/DSPbwXJZxo?t=553>.

reflexão sobre conceitos, estratégias e procedimentos de tradução. Este trabalho me permitiu colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, aprendendo muito com os acertos e, sem dúvida, com os erros também.

Aprendi que selecionar bem o objeto de estudo é fundamental para todas as etapas do processo. A documentação é vital; tudo deve ser anotado. Desenvolvi a habilidade de assistir com atenção, anotar com intenção e perceber estratégias, erros e soluções. A revisão mostrou-se crucial, reforçando sua importância no processo tradutório, tudo isso possível graças ao percurso metodológico escolhido.

As análises apresentadas trazem reflexões que podem servir ao público geral, oferecendo ensinamentos de fácil entendimento e provocando reflexões pessoais. Exemplos visuais, como a janela de Libras ocupando meia tela do vídeo, revelam o estudo por trás de tal escolha, especialmente em gêneros específicos como videoaulas. Observamos uma mudança significativa na configuração visual da janela de Libras entre as versões, na postura do tradutor e nos recursos tecnológicos, como a iluminação.

Um aspecto importante discutido foi a prosódia, onde as expressões faciais demonstram a necessidade de considerar a prosódia emocional do texto de partida em traduções envolvendo a língua de sinais, especialmente quando esta é a língua de chegada.

Uma das minhas maiores percepções durante o desenvolvimento deste trabalho foi a importância de ir além da tradução palavra-sinal. As estratégias do tradutor são únicas, e as experiências de vida moldam quem ele é. Além disso, o trabalho me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a produção e a dimensão de uma pesquisa científica, essencial para minha formação e para meu desejo de desenvolver um bom projeto de mestrado.

Por fim, meu desejo ao concluir este trabalho foi presentear a comunidade surda, proporcionando acesso a ensinamentos sobre autoconhecimento à indivíduos que talvez nunca tiveram contato com esses conceitos, e possam refletir, superar desafios e encontrar novas perspectivas de vida. Portanto, entendo que contribuimos com a educação e formação, promovendo inclusão e acessibilidade, além de um intercâmbio cultural enriquecedor com a tradução de textos filosóficos e espirituais sensibilizando a sociedade em relação as necessidades e potencialidades dos seres.

REFERÊNCIAS

- ABNT, **NBR. 15290**, Acessibilidade em Comunicação na Televisão. Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005.
- ABNT, **NBR. 15290**, Acessibilidade em Comunicação na Televisão. Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2016.
- ALBRES, Neiva de A. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 425-451, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33672>. Acesso em: 15 maio 2024. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16n3a33672>.
- ASSIS SILVA, César Augusto de. **Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- CABAZ, Marcela B.; BELAM, Patrícia V. Tradução e acessibilidade: audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos como campos de atuação para tradutores. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 91-121, 2016.
- CARNEIRO, Teresa D.; VITAL, Dafny S. H.; SOUZA, Rodrigo P. L. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, out./dez. 2020.
- CREPALDI, Maria Aparecida; SCHMIDT, Beatriz; NOAL, Débora da S.; BOLZE, Simone D. A.; GABARRA, Leticia M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia**, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- DIAZ-CINTAS, Jorge. Audiovisual Translation Today – A question of accessibility for all. **Translating Today**, v. 4, p. 3-5, 2005.
- DIAZ-CINTAS, Jorge. Por una preparación de calidad en accesibilidad audiovisual. **TRANS: revista de traductología**, n. 11, p. 45-59, 2007.
- DOS SANTOS, Wharley M.. Prática de Interpretação IV: Tradução Audiovisual e de Conferências. UFSC. 4 mai. 2024. Aula 30 slides, color. Disponível em: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/256352/mod_resource/content/1/Aula%2004_05_2023%20-%20Janela%20de%20Libras.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

DURÃO, Aylton B. A tradução nos horizontes de um texto filosófico. Os significados da liberdade e as formas do direito de resistência no Leviatã de Hobbes. Comentário sobre a tradução. In: DURÃO, Adja B. de A. B.; DURÃO, A. B. (Orgs). **De Horizonte a Horizonte: traduções comentadas**. Florianópolis: Insular, 2017. p. 209-219.

ESTELITA, Mariangela. ELiS - **Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91819>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FERREIRA, Alice M. A.; SILVA NETO, Virgílio S. Tradução de teatro para línguas de sinais: ensaio sobre corpo e (in)visibilidade. **Cadernos de Tradução**, v. 40, n. 1, p. 72-90, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n1p72>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FRANCO, Eliana P. C.; ARAÚJO, Vera S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). **Tradução em Revista**, v. 1, p. 2-23, 2011.

GIL, Marta. Como definir “acessibilidade”. In: I Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Acessibilidade: Você Também tem Compromisso. **Caderno de Textos**, Brasília, 12 a 15 de maio de 2006.

GUIMARÃES, Angelo de M.; RIBEIRO, Antonio M. **Introdução às tecnologias da informação e da comunicação: tecnologia da informação e da comunicação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: Uma perspectiva sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LEITE, Tarcisio de A.; AMPESSAN, João Paulo; BOLDO, Jaqueline; TASCALOHN, Juliana; AZEVEDO, Graciete S. de O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. Acesso em: 9 jul. 2024.

LEITE, Tarcisio de A.; WEININGER, Markus J.; BOSSE, Renata O. H.; ALVES, Bruna E. L. **Yoga e meditação para todos: Traduções comentadas Português-Libras**. Relatório de pesquisa (Ano base 2020-2022). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

LEITE, Tarcisio de A.; WEININGER, Markus J.; BOSSE, Renata O. H.; ALVES, Bruna E. L. **Yoga e meditação para todos: Traduções comentadas Português-Libras**.

Relatório de pesquisa (Ano base 2022-2024). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2024.

McCLEARY, Leland. Oralidade visual: Implicações para a história oral. In: Encontro de História Oral do Nordeste, Salvador. In: ATAIDE, Yara D. B. (Org.). **Do oral ao escrito: 500 anos de história do Brasil**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia (Eduneb), 2000. p. 672-681.

McCLEARY, Leland. Technologies of language and the embodied history of the deaf. **Sign Language Studies**, v. 3, n. 2, p. 104-124, 2003.

NASCIMENTO, Vinicius. Tradução e interpretação audiovisual da língua de sinais (TIALS) no Brasil: um estudo de recepção sobre as janelas de libras na comunidade surda. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. esp. 2, p. 163-201, ago./dez. 2021.

Disponível

em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/84362/48170>. Acesso em: 15 maio 2024.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. São Paulo: Rafael Copetti, 2016.

OLIVEIRA, Janine S.; SILVA, Rodrigo C. Equipe de tradução do Curso de Letras-Libras. In: QUADROS, Ronice M. (Org.). **Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014. p. 93-112.

PINHEIRO, K. L.; SILVA, R. C.; DINIZ, H. G. LIVE promovida pela FEBRAPILS, 7 de outubro de 2020.

Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JcK02pk0VBc&t=861s>. Acesso em: 4 jul. 2024.

QUADROS, Ronice M. (Org.). **Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

QUADROS, Ronice M. de; SOUZA, Saulo X. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, Ronice M. de. (Org.). **Estudos Surdos III**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008. p. 169-207.

QUADROS, Ronice M. de. **Língua de Herança: Língua brasileira de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2017.

RODRIGUES, Carlos Henrique; TASSARA, Vitória; PERES, Tuan. Dinâmicas de construção de saberes na intersecção extensão-pesquisa-ensino: parametrização de legendagem no Projeto Première Acessível. In: RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana A. (Org.). **Traduções, culturas e comunidades: singularidades**

e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 197-217.

SANTOS, Silvana A.; RODRIGUES, Carlos Henrique (Orgs.). **Traduções, culturas e comunidades: singularidades e pluralidades em (des)encontros do eu com os outros.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

STUMPF, Marianne R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: Língua de sinais no papel e no computador.** 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>. Acesso em: 26 jun. 2024.

TORRES, Marie-Hélène C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana F. de; TORRES, Marie-Hélène C.; COSTA, Walter C. (Orgs.). **Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução.** Fortaleza: Substância, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2024.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal,** 74 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla de M. di C.; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura,** 25(2), 331–352. <https://doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.331-352>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 05-08-2024.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO PORTUGUÊS E TEXTO INTERMEDIÁRIO EM GLOSAS

Quadro – Transcrição do discurso em português e texto intermediário em glosas

0:00 até 0:38 - Às vezes você ‘tá’ no trânsito, e aí é do Karnal de novo que é uma coisa bem bonita né? ‘Tá’ no trânsito e alguém ofendeu sua mãe. Falou: “sua mãe é isso...”. O quê que o professor Karnal fala? É uma joia ‘né’? É uma joia pedagógica! Ele diz assim: “Eu fiquei pensando em minha mãe, uma senhora tão discreta, sempre com as roupinhas fechadas, um olhar até tristonho. Ele não conheceu mamãe! Então não me ofendeu!”. E ele vai mais, ele diz assim: “Imagine que mamãe fosse uma menina de programas. Eu iria dizer: conheceu mamãe!!!”

Glosa: IMAGINA VOCÊ DIRIGIR TRÂNSITO OUTRO CARRO OFENDER PALAVRÃO SUA MÃE CONCLUSÃO(+EXPRESSÃO). PROFESSOR FAMOSO APONTAR TELA (LEGENDA NOME) EXPLICA PENSAR DELE: EU PENSAR MINHA MÃE, (USAR VELHA?), DISCRETA, BOTÕES ROUPA, EXPRESSÃO TRISTE: CONCLUSÃO: ELE NÃO CONHECER MÃE EU. SENTIR NADA. DESPREZO. OU: SI MÃE PUTA RODA BOLSINHA. ELE CONHECE MÃE MINHA (DUAS MÃOS NO PEITO + EXPRESSÃO SURPRESA).

0:39 até 1:40 - A base desta brincadeira é você perceber que se você tiver autoconhecimento, conhecer a si mesmo, ninguém vai te ofender. Porque você sabe quem você é. E muitos de nós não sabemos quem somos. Mas eu tô falando não é só da sua historinha pessoal. Todos nós temos a nossa história. Às vezes tivemos coisas muito difíceis na infância, mas você não fica parado lá. Aquilo faz parte da tapeçaria da sua vida. Não precisa ficar olhando lá para trás, “ah naquela época, olha o que aconteceu comigo, eu sou uma vítima, uma coitadinha...” Não! Aquilo aconteceu. Talvez nessa tapeçaria da minha vida ficou um nó para o lado de fora, não foi muito bonito, mas não tem importância. Se tudo isso não houvesse acontecido, não estaríamos aqui hoje. Foram inúmeras causas e condições da nossa existência, belas e feias, e

todas elas fizeram com que a gente crescesse, desenvolvesse e estivesse aqui.

GLOSA: SIGNIFICA O QUE? SI VOCÊ CONHECER OLHAR PRA DENTRO, OFENDER, OFENDER, SENTIR (DUAS MÃOS) NADA. PORQUE VOCÊ CONHECE OLHAR PRA DENTRO. MAS PESSOAS MAIORIA, NÃO CONHECE. MAS SÓ VOCÊ? NÃO. TODOS TEMOS HISTÓRIA. ÀS VEZES PASSADO CRIANÇA ACONTECEU COISAS PÁPÁPÁ DIFÍCIL, MAS VOCÊ PARADO LÁ? NÃO PRECISA OLHAR PRA TRÁS “AH ACONTECEU COMIGO, EU VITIMA, EU COITADA...NÃO! ACONTECEU ORIGINAL. VIDA DESENVOLVENDO EVOLUINDO ACONTECER ACONTECER, PA’PÁPÁ APONTAR TEM FALHA, COISA FEIA, MAS VIDA CONTINUA. PAPÁPÁ TEM BONITA, TEM FEIA, MAS TODAS AJUDAR DESENVOLVER VIDA, POR ISSO NÓS PESSOA HOJE.

1:41 até 3:03 - Uma frase que eu gosto muito e que eu pensei que era de um bispo católico, e era! Era de um bispo católico. Ela diz o seguinte: “A procura é o encontro e o encontro é a procura. Não tem fim.” Não tem lugar que você chega e diz: “agora eu sei tudo, agora eu alcancei o máximo”. É sempre uma procura incessante! Como criar um estado de contentamento, de plenitude, de alegria na maior parte dos seres? Como fazer com que as pessoas desenvolvam a sabedoria perfeita, de perceber que não há nada fixo nem nada permanente? O bebê que você era já não está mais aqui. O idoso que você será daqui a 10, 20 anos, também ainda não chegou. Por quê que não aprecia a sua vida? E apreciar a sua vida, é apreciar a vida de tudo que cerca, é respeitar outras formas de vida, não com os meus valores. Eu posso chegar aqui olhar para essa planta e se eu não tenho empatia com ela, mas ela precisa de água. Eu vou dar tanta água, tanta água que ela se afoga e morre. E muitas vezes fazemos isso. Julgamos a partir dos nossos valores. Eu não saio de mim, eu não me torno outro.

GLOSA: FRASE EU GOSTO É PRÓPRIA BISPO CATÓLICO. FRASE APONTAR: OLHAR PARA DENTRO E ANALISAR, ANALISAR, ANALISAR, DESCOBRIR 🖐️ PENSAR, REFLETIR, RACIOCINAR + CONCLUIR (COM

EXPRESSÃO DE SURPRESA). DE NOVO, ANALISA, PENSA, REFLETE, RACIOCINA, CONCLUI.) NUNCA FIM! SEMPRE, SEMPRE. COMO EXPLICAR PESSOAS IMPORTANTE SENTIR BEM MOMENTO AGORA? COMO EXPLICAR VIDA MUDANDO, DESENVOLVENDO. VOCÊ BEBÊ, PASSADO, JÁ FOI. VOCÊ IDOSO, AINDA NÃO, FUTURO! IMPORTANTE ADMIRAR VIDA, RESPEITAR VIDA DIVERSIDADE. EXEMPLO: VÊ PLANTA. SI EMPATIA NADA, “AH, FALTA ÁGUA” EU ÁGUA, ÁGUA. ÁGUA ELA MOLE. NÓS FAZER ISSO, MAS COM PESSOAS. JULGAR MEU PONTO DE VISTA, EMPATIA NADA.

3:03 até 4:03 - Muito jovem eu li um livro que chamava “Estranho numa terra estranha”. Era um livro de ficção científica, deste ser que veio do espaço. Ele era uma mistura de ser humano com um ser espacial, e ele chega na Terra e ele tá muito magrinho, muito frágil e é levado para um hospital. E dão água para ele, e ele diz: “Com quem eu compartilho água, eu compartilho a vida. Porque a bebida mais Sagrada que existe é a água!” e depois ele diz: “Eu agora vou pensar músculos, eu vou fazer que o meu corpo produza músculos”. É a força do pensamento que faz com que a gente possa transformar realidades. Mas só pensar não adianta. Só orar não adianta. É preciso que tenhamos ações efetivas, e pode ser coisa simples no dia a dia.

GLOSA: EU JOVEM LI LIVRO NOME APONTAR. LIVRO CONTA HISTÓRIA PESSOA OUTRO PLANETA ET OLHOS, VEIO TERRA, MAGRO, FRACO, LEVAM ELE HOSPITAL E DÃO ÁGUA. ELE FALOU: EU OFEREÇO ÁGUA IGUAL EU OFEREÇO VIDA. PORQUE ÁGUA BEBIDA SAGRADA ABENÇOAR. TAMBÉM FALOU: EU AGORA PENSAR MÚSCULOS, MEU CORPO MUDAR FORTE. PORQUE PENSAR ESTIMULA (PENSEI AJUDA) MUDAR COISAS. MAS PENSAR SÓ? ORAR SÓ? NÃO ADIANTA! PRECISA NÓS ESFORÇO (PENSEI RESPONSABILIDADE, CONSCIÊNCIA) TODO DIA AUTONOMIA AÇÕES. EXEMPLO:

4:03 até 4:48 - Uma palavra de bom dia para o seu vizinho que não fala com você. É! No local de trabalho, não tem alguém que é o seu desafeto? Que você acorda de manhã e diz: “Vou ter que encontrar aquela pessoa”. Pense assim:

“Vou encontrar meu mestre! Lá está a minha mestra da paciência!” É! Às vezes você tá fazendo uma tarefa, e tem sempre alguém que vem e interfere e atrapalha tudo! Em vez de você dizer: “atrapalhou”, diz: “Que bom! Vou ter que repensar e fazer de novo! Quem sabe eu não faça melhor agora.” Vocês estão rindo? Isso é instrução do Dalai Lama! É! Treinar a paciência!

GLOSA: VIZINHO ME DESPREZA, EU: “BOM DIA”. TRABALHO PESSOA RANÇO. VOCÊ ACORDAR PENSAR: “MEU DEUS. ENCONTRAR PESSOA! AFF”. TROCAR PENSAR: ENCONTRAR MEU MESTRE. PESSOA ME ENSINAR PACIÊNCIA. ÀS VEZES VOCÊ TRABALHAR ORGANIZAR, PESSOA CHEGAR SE METER, ATRAPALHAR. VOCÊ PENSAR: BOM VEIO CORTAR, EU ORGANIZAR DE NOVO, VAI MELHOR! VOCÊS RINDO? INSTRUÇÃO APONTAR: “PACIÊNCIA TREINAR TREINAR”

4:48 até 5:43- Uma vez eu trabalhava num banco, eu fui fazer uma cópia, pus vários papeizinhos assim para fazer a colagem, abaixei a tampa da copiadora. Na hora que eu fui apertar para fazer a primeira cópia entrou uma outra pessoa, levantou a tampa e voaram todos os papéis. Eu fiquei com raiva! Vocês já ficaram com raiva? A gente não fica com raiva de coisas muito insignificantes? Um papelzinho que voou...mas foi a primeira vez na minha vida que eu percebi a raiva. Quando eu falo de conhecer a si mesmo é conhecer tudo! Não é o bonitinho que eu sou! O feio que eu sou! A luz e a sombra! Olha a raiva que existe em mim de um papel que voou. E o que eu faço com isto? Eu comecei a respirar conscientemente. Nem sempre adianta né? Conforme o nível da raiva não dá né? Respira...não dá!

GLOSA: PASSADO EU TRABALHAR BANCO, FAZER XERÓX, ARRUMEI PAPEIS PEQUENOS, ABAIXEI TAMPA. APERTAR BOTÃO, PESSOA ENTROU, ABRIU TAMPA, PAPEIS CAÍRAM. EU RAIVA. VOCÊS JÁ RAIVA? ÀS VEZES SENTE RAIVA BOBAGEM. MAS EU PRIMEIRO PERCEBI RAIVA. AUTOCONHECIMENTOOOO CONHECER COMPLETO, BONITO, FEIO, POSITIVO, NEGATIVO. OLHA RAIVA DENTRO. EU FAÇO O QUE? RESPIRAR CONSCIENTE. DEPENDE RAIVA NÃO DÁ RESPIRAR...

5:44 até 6:28 - Mas aí eu comecei a pensar. Eu tinha lido um livro fininho que chamava "Sidarta" de um autor alemão chamado Herman Hess. E, uma joia! Sidarta aprendeu a rir de si mesmo porque ele ficou uma época trabalhando a beira de um rio, ele tinha uma jangadinha para atravessar o rio e quando não tinha ninguém para atravessar ele ficava ouvindo que o rio fazia um barulho assim: Tchátchátchá tchátchátchá... parece que estava rindo dele. E se a gente for capaz de rir da gente, você se liberta! Não leve você tanto a sério, nem o mundo tanto a sério. É transformação e movimento! Nós podemos colocar essa energia que nós estamos criando aqui, esta egrégora pro bem de todos os seres.

GLOSA: COMECEI PENSAR. EU LI LIVRO HISTÓRIA HOMEM NOME APONTAR. MARAVILHOSO! ELE APRENDEU RIR SI MESMO, PQ TRABALHAVA PERTO RIO JANGADA, ÀS VEZES SENTAR TRANQUILO PERCEBEU BARULHO APONTAR. PARECE RINDO EU. CONCLUIU: NÓS PRECISAMOS APRENDER RIR NÓS MESMOS, LIVRE. VOCÊ LEVE, MUNDO LEVE. TRANSFORMAR, MOVIMENTO, EVOLUÇÃO. NÓS CAPAZ ENERGIA BOA COMPARTILHAMOS ESPALHAR.

6:28 até 7:11 - Que em todos os lugares os nossos políticos, administradores, possam ter um despertar de consciência. Possam começar a pensar no bem coletivo, mas de verdade. De ter auxiliares e pessoas que eles possam convidar, pessoas ajudá-los a pensar juntos. Não é preciso mais guerras. Não é preciso mais violências. Nós podemos viver de outra forma, nós podemos viver em harmonia e respeito. É treino! Como tudo mais é treinamento, educação! Como é que você educa para a paz? Como é que você educa seres humanos ao respeito, à percepção?

GLOSA: TOMARA TODOS POLÍTICOS, GOVERNO CONSCIÊNCIA. COMEÇAR PENSAR BEM TODOS, MAS ORIGINAL. PESSOAS CONVIDAR AJUDAR AJUDAR COMPARTILHAR CONSTRUIR JUNTOS. GUERRA? VIOLÊNCIA? NÃO PRECISA! NÓS PODEMOS VIVER AMOR RESPEITO COMPARTILHAR. PRECISA TREINAR. EDUCAÇÃO. COMO PAZ EDUCAR? RESPEITO, CONSCIÊNCIA...EDUCAR COMO?

7:11 até 8:20 - Japão tem coisas muito bonitas. Eu morei lá muitos anos. As criancinhas desde pequenininhas aprendem a interagir com a natureza, com a plantinha, com o bichinho, com o passarinho. Sentar na lua cheia e sentar e olhar pra lua gente! Não precisa fazer nada! Convida seus amigos: “Vamos sentar e olhar pra lua” sem ficar falando, sem ficar se exibindo, sem o seu ego ficar se mostrando. Admira a vida! Respira a lua! E depois se quiser escreve um poema, um poeminha curto, bonito. Compartilha com seus amigos, não para dizer quem escreve melhor, quem escreve pior. Como que desenvolvemos a nossa sensibilidade. É tão bom isto, não é? Coisas simples para fazermos! Admirar o por do sol, o nascer do sol, sentir a brisa no seu rosto, o sabor das águas, tem águas salgadas, águas doces. Cada uma delas tem um sabor diferente, e nem percebemos!

GLOSA: PAÍS JAPÃO TEM COISAS BONITAS. EU MOREI ANOS LÁ (CIMA ESQUERDA). CRIANCINHAS APRENDER INTERAGIR NATUREZA, PLANTINHA, ANIMAIS, PASSARINHO. SENTAR LUA CHEIA OLHAR. NÃO PRECISA FAZER NADA. AMIGOS CONVIDAR VAMOS SENTAR OLHAR LUA. SILÊNCIO. NARIZ EMPINADO, EGO MOSTRAR, NÃO. VIDA ADMIRAR! LUA RESPIRAR. DEPOIS VONTADE ESCREVER POEMA, AMIGOS POEMA. COMPARAR MELHOR PIOR? NÃO...COMO SENSÍVEL DESENVOLVER. BOM! COISAS SIMPLES...ADMIRAR POR DO SOL, OU NASCER DO SOL, SENTIR VENTO BRISA ROSTO, SABOR ÁGUA DOCE SALGADOS TEM DIVERSOS, NEM PERCEBEMOS.

8:20 até 9:19 - Se você fizer práticas que eu digo de autoconhecimento, de meditação, de silêncio. Esse silêncio que não é só fora de nós, descobrir que dentro de nós existe um grande silêncio. Um lugar que não tem palavras, um lugar mágico, lindo, onde você está apenas absolutamente presente, inteiro, inteira, presente. Aberto à experiências que possam chegar e com capacidade de discernimento correto, para dar resposta adequada à situação. Porque se eu chego cheio de ideias, eu vou falhar. Eu não sei como vai ser a realidade, eu não sei como é que eu vou interagir. Então eu me abro e eu permito que os

seres iluminados e benfazejos nos abençoem com sabedoria e compaixão porque são dois alicerces que caminham juntos.

GLOSA: SI VOCÊ FIZER PRÁTICA AUTOCONHECIMENTO, MEDITAÇÃO, SILÊNCIO. SILÊNCIO FORA SÓ? NÃO... SILÊNCIO DENTROOOO. LUGAR MARAVILHOSO, VOCÊ SENTE COMPLETO. LIVRE APRENDER COISAS NOVAS NOVAS ACONTECEU, CAPAZ REFLETIR RACIOCINAR, CONSEGUIR RESPONDER MELHOR. PORQUE SE POSICIONARRR, FALHAR. NÃO SEI COMO REAL, NÃO SEI COMO INTERAGIR. EU LIVRE, MÃOS AOS CÉUS NOS ABENÇOAR SABEDORIA COMPAIXÃO BASE SEMPRE.

APÊNDICE B – DIÁRIOS DE TRADUÇÃO

Quadro - Diário de Tradução Versão 1

Diário de Tradução Versão 1:		
<p>Impressões gerais:</p> <p>Quando eu e o orientador Tarcísio conversamos sobre os possíveis objetos de tradução, ele me deu algumas sugestões e a Monja Coen estava entre elas. Essa foi a minha resposta: “gosto muito dela e gostaria de produzir traduções dela no projeto. Vendo esse vídeo dela, falando sobre autoconhecimento, acho que seria perfeito para nosso trabalho.”</p> <p>O vídeo me passou uma impressão muito gostosa de leveza, de acolhimento, mostrando como podemos mudar nossas reações com coisas simples do dia a dia, alcançáveis.</p>		
<p>Nível de dificuldade para o tradutor: Não achei o vídeo difícil de ser traduzido, mas percebi que mesmo com exemplos mais corriqueiros, eu precisava pesquisar alguns sinais que eu não conhecia, além de precisar pensar em algumas estratégias para transmitir certas mensagens que mais adianta estarão detalhadas.</p>		
<p>Nível de dificuldade para o público: Achei o conteúdo do vídeo muito interessante justamente pelo fato de abordar o tema autoconhecimento de uma forma leve, com exemplos simples do dia a dia que todos nós vivenciamos, de fácil entendimento, promovendo reflexão e sugestões de pequenas mudanças possíveis de colocar em prática.</p>		
Desafios tradutórios:		Possíveis soluções:
<p>Professor Karnal</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=dqXthsavYGI</p>	<p>Verificar em que situação falar, ela cita ele três vezes.</p> <p>Tem sinal?</p>	<p>Soletrei quando menciona o exemplo que ele pensou.</p>

	<p>Soletrar? Legendar?</p>	
<p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=10</p>	<p>Ela fala que ele é “uma joia pedagógica”. Omitir?</p>	<p>Omiti</p>
<p>A base dessa brincadeira é que se você tiver autoconhecimento, conhecer a si mesmo, ninguém vai te ofender. https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=38</p>	<p>Pensar na sinalização...</p>	<p>No momento da interpretação gravada percebi que não havia pensado na sinalização e acabou saindo um português sinalizado de base e brincadeira. Usei: pessoa pessoa ofender ofender, não!</p>
<p>“e muitos de nós não sabemos quem somos” https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=52</p>	<p>Pensar na sinalização</p>	<p>Mas maioria pessoas nós não sabe, não se conhece</p>
<p>Tapeçaria da vida, nó para o lado de fora https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=75</p>	<p>Estratégia: “acontecem falhas”, seria uma boa escolha?</p>	<p>Às vezes aconteceu coisas, traumas sérios, problemas...</p>
<p>A procura é o encontro e o encontro é a procura. Não tem fim. https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=109</p>		<p>Procurar é encontrar e encontrar é o que? Procurar. Não tem fim.</p>

<p>Como criar um estado de contentamento, plenitude, alegria na maior parte dos seres.</p> <p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=126</p>		<p>Só nós precisa o que? Parece sentir completo, sentir de verdade.</p>
<p>Não existe nada fixo nem permanente.</p> <p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=139</p>	<p>Estratégia: “coisas (ou vida) mudam sempre”?</p>	<p>Não tem nada fixo, sempre, aqui parado.</p>
<p>Pensar sobre o exemplo da planta:</p> <p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=164</p>	<p>Opção: faço direto para pessoas?</p>	<p>Mantive o exemplo da planta, depois segui com o exemplo das pessoas.</p>
<p>“Estranho numa terra estranha” :</p> <p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=186</p>	<p>pensar numa estratégia ou legendar?</p>	<p>Sinalizei estranho mundo estranho.</p>
<p>“Eu agora vou pensar músculos”</p> <p>https://youtu.be/dqXthsavYGI?t=216</p>		<p>Músculos pensar ajudar corpo forte.</p>
<p>Algumas observações sobre essa versão: Num primeiro momento, o orientador tinha comentado que seria interessante trabalharmos num vídeo de até cinco minutos. Fui vendo o vídeo e percebi que seria interessante parar no tempo 4:41 onde ela finaliza um exemplo “Quem sabe eu não faça melhor agora”. Depois o orientador entendeu que, mesmo se não desse tempo de analisarmos detalhadamente a tradução completa, seria mais interessante disponibilizar a tradução do vídeo inteiro, o que concordei e assim seguimos.</p>		

Etapas:

Definição do objeto de tradução.

Download do vídeo e upload no meu canal pessoal.

Criação da playlist no Youtube para postar os arquivos relacionados.

Assistir o vídeo e fazer transcrição integral do discurso.

Tomar nota das questões que chamavam atenção como palavras para pesquisar conceito ou sinônimo ou buscar sinais.

Gravação da primeira versão.

Edição do vídeo da tradução sobreposto ao vídeo da palestra.

Upload para o Youtube.

Adicionar na playlist.

Enviar para revisão do orientador.

Tradução: Entendemos que seria interessante realizar num primeiro momento uma interpretação gravada onde preparei o local para gravar, coloquei o vídeo para rodar e segui interpretando simultaneamente a palestra.

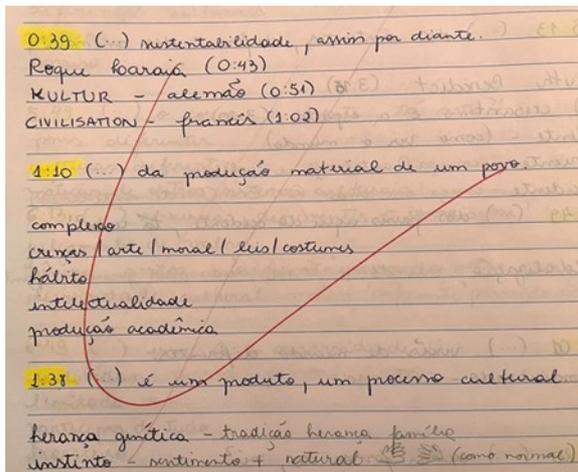
Recursos técnicos e instrumentos: Utilizei o notebook para rodar o vídeo, o celular para me gravar (câmera frontal) e um tripé para apoiar o celular. Não utilizei iluminação específica, apenas a luz ambiente e não me preocupei com a sombra por exemplo, pois alinhamos que essa primeira versão seria apenas para o revisor dar um feedback geral. Optei pela parede branca para o fundo. Gravei sentada e utilizei uma cadeira sem me preocupar que aparecia o encosto pelo mesmo motivo.

Análise: Trabalhar com a tradução me fez lembrar das disciplinas em que aprendemos sobre o processo de tradução, como os procedimentos técnicos de tradução de Heloisa Barbosa. Lembrei também enquanto fazia minhas anotações das orientações do professor Carlos explicando sobre a diferença entre procedimentos e estratégias, pois enquanto os procedimentos são determinados, as estratégias são variáveis e vão depender de cada tradutor. Lembrei de um

trabalho de tradução que desenvolvemos em grupo com a professora Neiva, um passo a passo trabalhoso mas bem interessante de construir.

E ainda, me lembrei dos desafios da vida real, das situações que vivemos na prática profissional que nem sempre é adequada como estudamos na teoria.

Lembrei de quando iniciei gravações de videoaula na instituição que eu trabalho e nós precisamos pensar em estratégias que facilitassem o desenvolvimento do trabalho nosso enquanto equipe de intérpretes e também o da equipe audiovisual, diminuindo o tempo de gravação, evitando prejuízos e retrabalho além de diminuir o trabalho e facilitar tanto a edição quanto a revisão, diminuindo o tempo de entrega do produto final. Juntos chegamos a conclusão do que era a melhor possibilidade:



Estudar pelo link disponibilizado pela equipe;

Fazer vídeos curtos caso precisasse regravar;

Listar o tempo que o vídeo acabava e a última frase dita pelo professor;

Destacar a legenda necessária e o tempo de entrada e saída;

Começar e terminar na mesma posição;

E eu decorava a expressão facial que finalizava um vídeo, para iniciar o outro;

Foi interessante viver essa tradução especificamente pois recordei do meu processo pessoal mencionado na contextualização, onde sempre fui uma pessoa reativa. Foi interessante refletir que passei exatamente por essa troca de pensamentos, por aprender a freiar o meu imediatismo em responder, e refletir sobre aquilo antes de responder qualquer coisa. Me senti feliz por estar fazendo algo que pode contribuir com essa mudança na vida de alguém.

Análise: 1:24 eu sinalizei “não é importante”, e apesar do revisor não ter feito um apontamento assim como em “não me ofendeu”, eu percebi que não foi uma boa escolha tradutória no sentido de que, é importante sim, mesmo as coisas ruins, acontecimentos desagradáveis e desconfortáveis fazem parte da nossa vida e são importantes para o nosso desenvolvimento.

Quadro – Sinais e palavras pesquisados

Sinais	Pesquisas e Estratégias
Autoconhecimento	Gosto da opção sinal conhecer + olhar pra mim. https://www.youtube.com/watch?v=7QCD5JFsY-0 https://www.youtube.com/watch?v=2OXTqZgtFG0
Ofender	(parece sinal de pipoca) palma da mão pra baixo e expressão brabo https://www.youtube.com/watch?v=M0Rc8k7cgQs
Leandro Karnal	Já conheci CM em K na careca mas não encontro fonte
Bispo	Forma do chapéu das sobrancelhas fechando em cima https://www.youtube.com/watch?v=t-jLPsD7NPI
Estado de contentamento	alegre, feliz
Plenitude	totalidade, completo
Sabedoria	saber fechando em S https://www.youtube.com/watch?v=7FxKoAHlwQo
Apreciar	sinal de admirar

Planta	Já conhecia sinal de planta nascendo, pesquisei mas não encontrei variação
Ficção científica	filme invenção/mentira
Ser espacial	ET ou sinal 🖐 nas duas mãos + formato dos olhos https://www.youtube.com/watch?v=1KeqXp_fVSw
Sagrada	CM S ao redor da cabeça ou tipo benção https://www.youtube.com/watch?v=YP0u11bkBfc https://www.youtube.com/watch?v=_leFDxsireo
Músculos	“confortável” passando em cima do antebraço https://www.youtube.com/watch?v=gWOB4lw9jrc
Mestre	igual professor CM M https://www.youtube.com/watch?v=7tlfVTKUHPc
Ego	uma mão por cima da outra, como uma máscara https://www.youtube.com/watch?v=1EKvyViytyl
Compaixão	duas mãos ao peito, ou carinho no coração. CM C esfregando polegar no coração: https://www.youtube.com/watch?v=5PJd-NcimlM CM C movimento circular no coração: https://www.youtube.com/watch?v=c3VTjlbY2qA Com as duas mãos no peito: https://www.youtube.com/watch?v=52I1df7CxYg Carinho no coração: https://www.youtube.com/watch?v=wil2gE_rYEK

Primeira versão: Interpretação gravada

https://www.youtube.com/watch?v=wJ0OjT7T_nc

Quadro - Diário de Tradução Versão 2

Diário de Tradução Versão 2:	
<p>Impressões gerais:</p> <p>Sem dúvida, a troca com outro profissional e a revisão fazem toda a diferença para a construção da tradução. No feedback do revisor eu pude refletir sobre algumas escolhas inadequadas, aceitei sugestões que concordei, pensei em outras estratégias para então partir para a gravação da nova versão. Percebi que algumas pontuações que fiz na primeira versão eram preocupações desnecessárias, mas não deixaram de me ajudar no processo.</p>	
Desafios tradutórios:	Possíveis soluções:
<p>Professor Karnal</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=10</p>	<p>Sinalizei professor famoso e apontei para a tela onde coloquei uma foto do professor.</p>
<p>“A base dessa brincadeira”¹ é que se você tiver autoconhecimento, conhecer a si mesmo, “ninguém vai te ofender”².</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=39</p>	<p>Sinalizei:</p> <p>Significa o que?</p> <p>ofender ofender, sentir/impactar nada!</p>
<p>“e muitos de nós não sabemos quem somos”</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=52</p>	<p>Sinalizei: Mas pessoas maioria não conhece – pois tinha acabado de sinalizar que a gente se conhecia.</p>
<p>Tapeçaria da vida, nó para o lado de fora</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=75</p>	<p>Vida desenvolvendo acontece, acontece, várias coisas, tem falha.</p>
<p>A procura é o encontro e o encontro é a procura. Não tem fim.</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=108</p>	<p>Olhar para dentro e analisar várias vezes para dentro, descobrir, pensar, refletir, raciocinar, concluir.</p> <p>Volta de novo: olhar para dentro,</p>

	<p>analisar várias vezes para dentro, descobrir, pensar, refletir, raciocinar, concluir...fim nunca, continua, continua.</p>
<p>Como criar um estado de contentamento, plenitude, alegria na maior parte dos seres.</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=131</p>	<p>Como explicar importante sentir bem momento agora.</p>
<p>Não existe nada fixo nem permanente.</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=139</p>	<p>Como explicar vida transformação, desenvolvimento.</p>
<p>“Estranho numa terra estranha”:</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=187</p>	<p>Imagem do livro na tela.</p>
<p>“Eu agora vou pensar músculos”</p> <p>https://youtu.be/DSPPhbwXJZxo?t=218</p>	<p>Pensar músculo meu corpo mudar forte.</p>
<p>Algumas observações sobre essa versão: Num primeiro momento, o orientador tinha comentado que seria interessante trabalharmos num vídeo de até cinco minutos. Fui vendo o vídeo e percebi que seria interessante parar no tempo 4:41 onde ela finaliza um exemplo “Quem sabe eu não faça melhor agora”. Depois o orientador entendeu que, mesmo se não desse tempo de analisarmos detalhadamente a tradução completa, seria mais interessante disponibilizar a tradução do vídeo inteiro, o que concordei e assim seguimos.</p>	
<p>Etapas:</p> <p>Ver o vídeo com o feedback do orientador que atuou como revisor.</p> <p>Anotar as sugestões e tempos dos comentários para criar link.</p>	

Refletir sobre as sugestões e assistir o vídeo novamente analisando as mesmas.

Separar a transcrição do discurso em trechos e fazer glosas da minha escolha tradutória para aquele trecho.

Treinar a sinalização da glosas mediante a exibição do discurso para ajustar o tempo.

Gravar a nova versão.

Editar a nova versão.

Fazer upload no Youtube.

Adicionar na playlist.

Enviar para o orientador.

Tradução: Essa nova versão foi gravada em partes de acordo com os trechos pré determinados. Foram realizadas algumas gravações até chegar na que eu entendesse adequada. Dessa forma, seguia para a próxima.

Recursos técnicos e instrumentos: Utilizei o notebook para rodar o vídeo, o celular para me gravar (câmera frontal) e um tripé para apoiar o celular. Aproveitei a iluminação natural e estrategicamente me posicionei de frente para a claridade. Optei pela parede branca para o fundo. Gravei em pé.

Observação: Essa versão usei camisa preta manga longa e fiz uma pequena produção estética com uma maquiagem básica, considerando que essa possa ser a versão que será disponibilizada.

Análise: Apesar da quantidade de arquivos descartados, foi mais tranquilo gravar essa versão, principalmente por conta da preparação. A reflexão pós feedback e as sugestões e percepções de outro profissional fizeram diferença na construção das escolhas tradutórias, entregando uma sinalização mais clara e eficaz. A edição da montagem foi tranquila pois segui a mesma técnica de gravação que uso na instituição, procurar parar as mãos no mesmo lugar de pausa e repetir a expressão que finalizei o vídeo anterior. Consegui colocar os dois vídeos em tela e recortar ambos para enquadrar a imagem e dispor lado a lado em tela. Porém,

não consegui ajustar de forma que ambos completassem o template, se eu ajustasse para completar eu perdia no enquadramento. Mas acredito que por falta de conhecimento na edição mesmo. Contudo, consegui colocar a legenda em tela e adicionar as imagens conforme apontei para a tela. Nitidamente essa versão ficou superior a primeira, antes de mais nada, visualmente e sem dúvida pela qualidade da tradução, embora não seja uma tradução pronta.

Segunda versão: tradução

<https://www.youtube.com/watch?v=DSPHbwXJZXo>

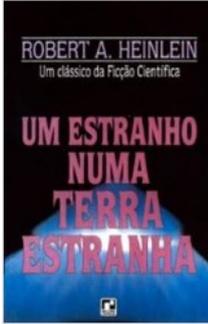
Análise de revisão: edição template, nome do Karnal, nome do Dalai Lama

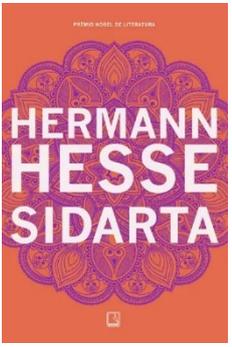
APÊNDICE C – TABULAÇÃO DOS COMENTÁRIOS DO REVISOR

Quadro – Tabulação dos comentários do revisor

<u>Comentários do revisor/orientador</u>	Link do comentário	Sugestão do revisor	Comentários do tradutor
1: configuração visual da janela de Libras	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=8	Ajustar o enquadramento de cada janela (Monja e minha) para preencher o melhor o espaço e ficar mais agradável visualmente	Concordo. Não foi uma escolha, eu só não consegui recortar os vídeos e ajustar um ao lado do outro. Preferi enviar assim para o revisor conseguir ver os 2 vídeos na mesma tela. Vou realizar os ajustes e verificar para editar seguindo essa sugestão na próxima versão.
2: prosódia; expressividade	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=141	Observar a expressividade na produção trazendo a doçura que a Monja passa na sua fala.	Faz sentido para mim também. Interessante que acabei focando na clareza da entrega e não me atentei a esse detalhe tão importante.
3: sinal “conclusão”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=307	Após sinalizar que ofendeu a mãe, usar o sinal de “conclusão” e expressão de: você entendeu de que ofensa estou falando.	Compreendido. Anotei e vou ajustar na próxima versão.
4: estratégia Karnal	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=372	Professor famoso apontar - imagem na tela prof Karnal	Gostei da sugestão. Já tinha anotado para verificar uma estratégia mais adequada sem soletrar.  Fonte: https://araras.sp.gov.br/noticias/22185
5: estratégia de “ele não me ofendeu”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=406	Trocar sinal de “ofendeu? Nãoooo” por “eu não senti ofendida” (sentir com as duas mãos tipo chocada? Nãoooo)	Faz sentido, afinal de contas, a ofensa foi enviada. Vou adotar.

6: incorporação expressividade	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=464	Observação: Consegui incorporar a expressividade da Monja e passar a ironia dela	Compreendido.
7: novamente exemplo de “não se sentir ofendido”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=487	Refletir sobre a intenção da frase, ir além das palavras	Ok
8: sugestão de sinal “por isso/por causa disso”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=571	Estratégia para sinalizar “é por isso que nós estamos aqui hoje”	Certo! Anotado, vou adotar.
9: dúvida - sinal bispo	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=611	Documentar todas as pesquisas relacionadas a gravação. Por exemplo, se você pesquisou o sinal de bispo, tem que documentar.	Sim, já fiz isso na primeira versão e o sinal de bispo estava listado como pesquisado. Estou documentando.
10: A procura é o encontro e o encontro é a procura	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=642	Frase na tela e apontar. Trocar “é” por “igual”	Já tinha refletido sobre a frase e me vi na mesma dúvida. Depois pensei em uma estratégia: Procurar (sinalizar olhar para dentro e e analisar várias vezes pra dentro) encontrar: “descobrir” 🤔 (sinalizar pensar refletir raciocinar + concluir com expressão de surpresa. Daí volta, analisa, pensa, reflete, raciocina, conclui.) Nunca fim!
11: Ainda sobre a frase anterior	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=747	Procura (D) Encontro (E) os dois (CM V) igual. São várias opções. Listar todas elas e depois optar por uma e justificar.	Vou listar as opções pensadas, e justificar minha estratégia.
12: sugestão de sinal	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=818	Adicionar o sinal de aprendendo, aprendendo, mais, mais (CM L pra frente)	Gostei da sugestão. Vou adotar na próxima versão.

13: legenda frase	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=894	Colocar o nome do livro “Estranho numa terra estranha” em tela, e se encontrar imagem também. Isso a gente faz para toda referência a terceiros, para não deixar apenas no discurso.	 <p>Fonte: https://lostpedia.fandom.com/pt/wiki/Um_Estranho_em_uma_Terra_Estranha</p>
14: compartilhar água, compartilhar vida	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=982	O compartilhar está direcionado a oferecer ao outro. Ele quis dizer que a quem ele oferece a água ele oferece a vida.	Certo, vou pensar sobre. Também pensar em como sinalizar a direcionalidade de levá-lo ao hospital e de oferecer água pra ele.
15: sinal sagrado	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1058	Pensar no sinal sagrado e/ou pesquisar na área religiosa o sinal de sagrado pois é um termo importante neste contexto.	Sinal pesquisado e esquecido no momento da gravação.
16: “pensar músculos”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1141 Segue em: https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1190 Além de: https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1262	Pensar em uma estratégia de equivalência na língua fonte.	Vou pensar, mas de qualquer forma, nos próximos sinais eu expliquei que o pensar exige uma ação da própria pessoa.
17: sinal “mestre”	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1284	Pensar no sinal de mestre pois ele não é simplesmente um professor.	https://www.youtube.com/watch?v=7tlfVTKUhPc Eu também refleti sobre isso, mas além de já ter visto o uso, encontrei 2 vídeos no youtube sendo um deles do Tarso, com o conceito de ser um professor de grande saber.

18: Instrução do Dalai Lama: "Treinar a paciência"	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1374	Também colocar em tela a citação e a imagem dele.	
19: papéis caindo	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1397	Pensar na estratégia dos papéis caindo, parece que assim não ficou claro que os papéis caíram.	Pensei em fazer com a mão fechada 🖐️ tipo movimento sinal "quando"
20: Livro Sidarta	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1487	Nome do livro e imagem da capa.	
21: omissão Japão	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1589	Interpretação gravada: perdeu o Japão.	Sim, tinha visto no vídeo que era no Japão, mas de fato perdi na gravação.
22: Lua Cheia	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1638	Sinalizar a lua cheia no céu.	Anotado.
23: omissão brisa	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1693	A omissão é uma marca clássica de interpretação. Não foi uma escolha omitir, perdeu por conta da velocidade do discurso. Necessário ajustar na tradução para manter no discurso.	
24: resposta adequada	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1812	Trocar a sinalização de "resposta certa" para "resposta melhor". A resposta adequada não é certa ou errada, ela é a que melhor responde, é a mais benéfica para você e para o outro.	Concordo, não tinha refletido sobre e na hora foi o que veio.
25: Atraso no tempo	https://youtu.be/opkKsCQoyPE?t=1863	Marca da interpretação: atraso no tempo do vídeo.	Certo. Já estou separando em trechos para fazer as glosas e pretendo gravar em trechos para verificar se

		Ajustar para acabar o vídeo no tempo exato.	consigo editar de forma mais adequada.
--	--	---	--